

Departamento de Antropologia

**O AUMENTO NO NÚMERO DE SUICÍDIOS ENTRE JOVENS GAYS
E O PAPEL DA INTERNET**

Marcelo Pombo Novaes Fernandes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Antropologia

Orientador:
Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida
Professor Associado - ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2020

**“The order is rapidly fadin’ / And the first one now will later be last / For the times
they are changin.”**

Bob Dylan

RESUMO

Nesta década, pela primeira vez na história, o número de mortos por suicídio ao redor do mundo ficou abaixo do número de mortos em guerras e assassinatos. A boa notícia é que o número de suicídios tem também decaído, mas em velocidade menor. Entretanto, o número de suicídios entre jovens do sexo masculino (entre 14 e 25 anos), contraria a regra geral e tem aumentado. Pesquisas de renomadas universidades e institutos de pesquisa afirmam que a probabilidade de um jovem gay cometer suicídio é de 5 ou 6 vezes maior, quando comparado com um jovem heterossexual.

Percebe-se também que a internet tem estado a tomar cada vez mais espaço no dia a dia destes jovens. Qual o seu papel neste fenômeno do suicídio? Como seres gregários, os jovens se encontram e se relacionam em redes sociais virtuais. Estas redes estariam por detrás do aumento no número de vítimas entre estes jovens, ao incentivar a exposição, valorizar corpos e vidas supostamente perfeitas e permitir a livre prática de bullying?

Entro em campo com o objetivo de obter algumas respostas e para principalmente compreender como eles compreendem a morte, como se relacionam virtualmente e a importância deste meio na forma como eles se enxergam e se propiciam o surgimento de doenças mentais.

Palavras-chave: suicídio, homossexualidade, gay, internet.

ABSTRACT

This decade, for the first time in history, the number of deaths by suicide around the globe has been below the number of deaths resulting from wars and murder. The good news is that number of suicide has also declined, although in slower speed. However, the number of suicides among young males (between the ages of 14 and 25) goes against that tendency and has been on the rise. Researches undertaken by well known Institutes and Universities show that likelihood of a young gay male of committing suicide is 5 or 6 times greater than that of young heterosexual man.

It is known that Internet has become all pervasive in the lives of young people. What is its role in the suicide phenomenon? As gregarious animals, the youth has learned to meet and relate in those virtual networks. Could those virtual networks be behind the rise in the number of victims, by enhancing the value of beautiful bodies and apparently perfect lives but, at the same time, allowing the free practise of online bullying?

During my fieldwork my objectives were: to understand how those young people deal with death, how they relate to each other in those social virtual networks and their importance in the way they see themselves and to determine if those networks are responsible for the development of mental illness.

Key-words: suicide, homosexuality, gay, internet.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. OS TRÊS VÉRTICES DESTE ESTUDO	01
2.1 A INVENÇÃO DA INTERNET E O PARAVERSO	03
2.1.1 O NOVO PARADIGMA: A DEPENDÊNCIA DO VIRTUAL	04
2.1.2 O MUNDO VIRTUAL, MUDANÇAS E DOENÇAS MENTAIS	05
2.1.3 AS RELAÇÕES LÍQUIDAS.....	06
2.1.4 O MUNDO VIRTUAL E NOSSOS CÉREBROS	07
2.1.5 RESPONSABILIDADES E NOVOS DESAFIOS PARA ANTROPOLOGIA	09
2.1.5.1 COMPREENDENDO A APLICABILIDADE DA ANTROPOLOGIA.....	09
2.2 HOMOSSEXUALIDADE - UM BREVE HISTÓRICO	12
2.2.1 O MITO DA HETEROSSEXUALIDADE NORMATIVA.....	12
2.2.2 A NECESSIDADE DE MITOS	12
2.2.3 SERIA DEUS UM HOMEM HETEROSSEXUAL?	13
2.2.4 DEUS E A HOMOSSEXUALIDADE	14
2.2.5 A HOMOFOBIA AINDA EXISTE?.....	16
2.2.6 HOMOSSEXUALIDADE: NATUREZA E SAÚDE MENTAL	18
2.2.6.1 A LIMITAÇÃO DO DIREITO DE SER.....	19
2.2.7 NEGAÇÃO DA CIDADANIA E PERSEGUIÇÃO.....	21
2.2.8 NEGAÇÃO DE DIREITOS AO REDOR DO MUNDO.....	23
2.3 SUICÍDIO.....	24
2.3.1 SUICÍDIO E O PECADO	25
2.3.2 O DIREITO À MORTE	25
2.3.3 FATORES CAUSAIS.....	26
3. CONHECENDO E DELIMITANDO O CAMPO	27
3.1 SELEÇÃO DE PARTICIPANTES.....	33
3.1.1 PERFIL PARTICIPANTE 01	35
3.1.2 PERFIL PARTICIPANTE 02	36
3.1.3 PERFIL PARTICIPANTE 03	37
3.1.4 PERFIL PARTICIPANTE 04	39
4. INTERAÇÃO EM GRUPO	40

4.1 EXPERIÊNCIA PESSOAL COM O SUICÍDIO	41
4.2 SUICÍDIO DENTRO DA COMUNIDADE GAY	43
4.3 RELAÇÃO COM REDES SOCIAIS	45
5. OBSERVAÇÃO DE ATIVIDADES ON-LINE	47
5.1 O MUNDO ALEGRE DE FÁBIO	48
5.2 O PROFISSIONALISMO DE LEONARDO	48
5.3 A DISCRIÇÃO DE GUSTAVO	49
5.4 O PESSIMISMO DE NATANAEL.....	49
5.5 O PERIGO QUE SE ESCONDE.....	50
6. OS GAYS E SUAS RELAÇÕES FAMILIARES.....	52
7. CONCLUSÃO.....	54
8. HIPÓTESE	58
9. OBJETIVOS	59
9.1 OBJETIVO GERAL.....	59
9.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	59
10. METODOLOGIA.....	60
11. CRITÉRIOS	61
11.1 INCLUSÃO.....	61
11.2 EXCLUSÃO	61
12. RISCOS	62
13. BENEFÍCIOS	63
14. CRONOGRAMA.....	64
15. REFERÊNCIAS	65
ANEXO A	71

1. Introdução

Conforme estudos médicos e sociológicos, como o realizado pelo Grupo Gay da Bahia e publicado em 2019 ou o levantamento realizado pela Columbia University em 2011, o número de suicídios entre jovens gays - o qual já era historicamente alto - tem aumentado desde o começo do terceiro milênio. Há à nossa disposição, uma boa quantidade de livros de psicologia, sociologia e antropologia que buscam estudar o fenômeno do suicídio e suas causas principais. Há também um bom número de profissionais de várias áreas que investigaram os porquês do número alto de suicídio entre a população LGBTI+. Psiquiatras, Psicólogos, Educadores Sociais e mesmo alguns Antropólogos têm se dedicado a compreender a influência da Internet e das Redes Sociais na vida dos nossos jovens. A pergunta que se mantém e que ainda está a ser respondida é : Há alguma conexão entre o aumento do número de suicídio entre jovens gays e o uso da Internet? Qual é a influência do mundo digital neste processo (se houver algum)?

Com a consciência de que o resultado deste trabalho virá a ser apenas indicativo e não conclusivo, procurarei investigar esta possível conexão, através da compreensão de como este grupo (jovens gays, entre 14 a 25 anos) se utilizam destas mídias e a influência destas em seus hábitos, costumes, auto-estima e na subjetividade do pensamento. Mantendo-me fiel às convicções de Franz Boas e de Malinowski, para os quais o objetivo da Antropologia é compreender as culturas particulares, em suas especificidades, alargamos este conceito para próximo ao discurso de Daniel Miller, para quem o mundo digital está a produzir cultura e que, se não nos engajarmos com ela, corremos o risco de nos tornarmos superficiais ou rasos ou alienados. Atentamos ao meio digital como tão importante e não em contraste com o real, ao abraçar a ideia de Boellstorff, para quem os mundos online não estão em conflito ou devem ser vistos como contrastantes com o mundo real, mas sendo simplesmente outra arena de acontecimentos. Não se pode mais estudar um, sem atentar-se ao outro. E ao desvincularmo-nos dos velhos fetiches de uma suposta autenticidade da cultura pré-digital, mergulho nesta nova arena de acontecimentos a observar como se relacionam estes jovens para, através desta olhar observativo e de diálogos, procurar as respostas para a questão levantada. Respostas estas que apenas estes jovens são capazes de fornecer.

2. Os Três Vértices deste Estudo

Este estudo não pode ser levado a termo sem que se compreenda os três pilares que o suportam ou os três vértices do qual o mesmo é formado.

Desde a invenção do termo “Internet” para uma rede TCP/IP global, que se deu em dezembro de 1974, com a publicação da primeira especificação completa do TCP, assinada por Vinton Cerf, Yogen Dalal e Carl Sunshine, na Universidade de Stanford, até a criação do Facebook, em 2004 e seus agora mais de 2 bilhões de usuários, até a febre mundial com o Tik-Tok, em plena explosão da pandemia do COVID-19, se torna impossível compreender o universo de nossos jovens e adolescentes sem que nos detenhamos a compreender a força que o meio virtual exerce entre eles.

Já em 1948, o pesquisador e biólogo Alfred Kinsey afirmada, em seu livro *Sexual Behavior in the Human Male*, que 10% da população masculina no mundo seria gay e que 37% teriam tido relações sexuais com pessoas do mesmo sexo (1948:610-666). A dificuldade de muitos jovens e mesmo adultos de aceitarem identificar-se com os termos ‘gay’ ou ‘homossexual’ fez com que muitas ONGs e institutos de pesquisa abolissem estes termos e passagem a usar a sigla HxH, ou seja, Homens que fazem sexo com outros Homens.

A dificuldade de reconhecerem sua condição sexual tanto para si mesmos quanto para a sociedade faz com que estes números, quando levantados, sempre sejam vistos com certa desconfiança. Mas se aceitarmos este número como certo, teremos apenas em Portugal 485.000 homens gays neste país. No Brasil, seriam 10.032.000 HxH. Mas até esta ideia é uma construção cultural, afinal o sexo não tem história. A invenção da heterossexualidade é um evento moderno, a naturalidade do sexo não permite estas subdivisões. Mas eis que subdivisões foram postas, de maneira tão arbitrária e prepotente quanto belgas e portugueses a dividir partes da África ou então Churchill a inventar, de canetada, a Jordânia e Iraque.

Como Angolas, Zaires, Jordânias e Iraques sexuais, a homossexualidade e a heterossexualidade foram também inventadas por pessoas zelosas de colocarem comportamentos dentro de pequenas caixinhas. E de caixinhas, para armários. E é lá ainda que vivem boa parte dos homossexuais hoje em dia. Como grande conhecedor do assunto que é, o psicólogo e presidente da ILGA-Portugal, Nuno Pinto, em entrevista concedida ao Blog País ao Minuto, em 28.01.2019, afirmou que:

“Vivemos um contrassenso em Portugal, porque de facto temos uma legislação avançada, mas vivemos num país em que o grau de armário ainda é imenso. Em grandes cidades como Lisboa é que conseguimos ver de uma forma regular manifestações de afeto de casais do mesmo sexo na rua. Portanto há toda uma população, e estamos a falar de cerca de 10% da população, que de cada vez que sai à rua deixa de ser quem é de uma forma automática.”

Os terrores por que que passam a maior parte dos gays diante da perspectiva de se assumirem aos seus familiares e as doenças mentais decorrentes ou da rejeição ou de se viver eternamente em negação (em armários auto-impostos), causam desequilíbrios emocionais. Quanto maior o desejo e correspondente supressão de tais pulsões (homofobia internalizada, pelos pais, religião ou socie-

dade) acaba levando esta parcela da população a um ciclo neurotizante, podendo levá-los a apresentar reações psicossomáticas, confusões mentais, depressão e até loucura.

Relevância da internet explicada, homossexualidade colocada, falta-me atentar-me à relevância do terceiro vértice do nosso estudo. O suicídio.

A palavra suicídio foi criada em 1737 por Desfontaines. Com origem no latim – sui (si mesmo) e caederes (ação de matar).

A maneira como a sociedade reage ao suicídio varia de acordo com a cultura local e com o período histórico percebido. Da indiferença romana ao harakiri japonês, onde o ato de suicídio entre samurais era uma forma compreendida como digna para fugir de momentos que envolvessem vergonha e culpa, nossa civilização é marcadamente influenciada pelos Concílios de Orleans, Braga e Toledo, nos séculos V e VI, quando se tornou pecado hediondo e tendo sido determinado que seus nomes não fossem homenageados. Mesmo seus familiares sofreriam consequências: enfrentariam preconceitos e perseguições.

O tabu e medo de se discutir a morte e o suicídio, assim como a diminuição em termos absolutos de mortos decorrentes desta prática nas últimas décadas - onde a tendência de aumento entre adolescentes e jovens é uma exceção - será amplamente trabalhada a seguir.

Vértices expostos, cabe a mim a seguir ampliar a importância de cada um destes para este trabalho no próximo capítulo antes de iniciar a exposição de minha investigação.

2.1 A Invenção da Internet e o Paraverso

São 200 mil anos de História desde que surgiu sobre a Terra como o animal mais inteligente, adaptável e com extraordinária capacidade de aprendizado e comunicação. O Homo Sapiens viveu e sobreviveu como caçador-coletor até cerca de 10 mil anos atrás, quando uma grande revolução aconteceu: aprendendo a cultivar a terra e a domesticar animais, não mais precisariam vagar como nômades. Com acesso a maiores quantidades de alimentos, poderiam se fixar em centros com dezenas de milhares de humanos, dando início ao que alguns chamam de a “Era dos Humanos”. Esta revolução levou ao início do comércio, das grandes civilizações, do desenvolvimento científico e culminou no que outros estudiosos chamam de Era Antropocêntrica, que teria se iniciado a partir do século XVIII (quando se tornou impossível observar a Terra sem perceber a ação humana sobre ela).

E este progresso tem se acelerado com o passar dos séculos, décadas e anos, não tanto sobre a Terra, mas também sobre nós mesmos. As mudanças tecnológicas tem acontecido de maneira tão acelerada que cada vez menos nos assemelhamos aos nossos antepassados. Nem sequer os reconheceríamos. Vivendo em grandes centros urbanos, se torna impensável imaginar que o o ser

humano possa ter sido biologicamente preparado para viver em contato direto com a natureza. 99% ou mais de nossa existência enquanto espécie se passou entre florestas, campos, montanhas, pradarias. Não fomos biologicamente programados para sermos fisico ou psicologicamente dependentes de aparelhos eletrônicos e seus habitats criados.

2.1.1 O novo paradigma: a dependência do virtual

Partindo do pressuposto trazido pela Psicóloga Jean Twenge, os adolescentes que viviam mais tempo distante das telas, com atividades interpessoais, esportes, leitura e atividades religiosas, tinham uma maior probabilidade de terem uma propensão menor a doenças psicológicas. Esta mesma especialista, em entrevista à BBC – Brasil em 13.05.2018, afirmou que:

“É importante lembrar que a arquitetura neural humana evoluiu sob condições de contato cara a cara, próximas, em geral contínuas (incluindo contato não visual, como toque e olfato). A interação feita pessoalmente oferece mais proximidade emocional do que a eletrônica. (...) Algumas pesquisas sugerem que a comunicação eletrônica, em especial a de redes sociais, pode até aumentar sentimentos de solidão.”

E um aparente paradoxo se nos apresenta: em um mundo onde estamos cada vez mais conectáveis, cada vez mais em contato uns com os outros, como podem nossos jovens estar se sentindo cada vez mais depressivos e sozinhos? Um outro estudo desenvolvido pela Universidade de Pittsburgh e apresentado pela BBC, afirma que passar duas horas por dia ou mais em redes sociais como Facebook, Twitter ou Snapchat, duplica a possibilidade de alguém se sentir isolado. É o sentimento de solidão no meio de uma multidão. Mesmo que entre centenas de mensagens trocadas e 'gostos'. Um outro estudo, este desenvolvido em Portugal pelo ISPA e publicado pelo periódico on-line Obsevador, afirma que 25% dos jovens portugueses entre 12 e 30 anos estão viciado em tecnologia.

Mais outra pesquisa, esta desenvolvida pela organização Britânica Global Digital no ano passado (2018) sobre o Brasil, mostrou que o brasileiro gasta uma média de 9 horas e 14 minutos online. Mais de 3 horas acima da média global.

No ano de 2018, o Reino Unido anunciou a criação do Ministério da Solidão. Parece uma brincadeira, mas foi uma resposta de um Governo que se prepara para lidar com uma pandemia. E a tecnologia tem muito a ver com tudo isso. E esta ambiguidade – a tecnologia que aparentemente nos aproxima, na realidade nos afasta – parece ser o assunto do momento. Até mesmo entre grupos de que normalmente não esperaríamos declarações ou ações contundentes sobre o tema. O Papa Francisco escolheu como tema para o Dia Mundial das Comunicações deste ano (2019) a discussão

sobre os novos ambientes de comunicação e, em especial, a influência das novas redes.

E estas novas redes sociais que deveriam aproximar as pessoas e efetivamente as afasta uma das outras, estão associadas a outras formas de problemas mentais: segundo inquérito realizado pela Royal Society for Public Health, estas plataformas são também responsáveis por aumento da ansiedade, depressão e bullying. No topo das plataformas mais perigosas, está o Instagram.

Para quem está familiarizado com este ambiente, sabe-se que vive-se ali o culto à imagem. Jovens sempre alegres, sempre perfeitos, sempre se divertindo, dividem apenas momentos de sucesso, de beleza, de prazer. E este é alvo a ser alcançado: o número de likes (gostos) em uma foto estará diretamente ligado à sensação de aceitação pelo grupo social ao qual o jovem pertence.

A proliferação de imagens perfeitas afeta os jovens, mais vulneráveis à comparação. Mais outra pesquisa, desta vez pela também britânica Sociedade Britânica para a Saúde Pública (RSPH, 2017), com jovens entre 14 e os 23 anos, perceberam que plataformas virtuais, tais como Instagram, Snapchat, Twitter, Facebook e o YouTube realmente impactam negativamente a saúde mental destes. E novamente o Instagram apareceu no topo, como a rede social mais perigosa. Um aumento significativo dos sentimentos de inadequação e ansiedade foi percebido entre os usuários destas plataformas.

2.1.2 O mundo virtual, mudanças comportamentais e doenças mentais

E o uso da Internet passou a se tornar, em muitos casos, patológico, e um novo distúrbio psicológico passou a ser acrescentado à longa lista de doenças mentais: FOMO (Fear of Missing Out), que é a ansiedade de estar perdendo algo: informação, atenção, espaço ou relevância, se não estiver o tempo todo presente on-line com postagens ou em discussões infundáveis sobre temas que pouquíssimos ali dominam. É também o medo de que os outros possam estar tendo experiências gratificantes das quais o jovem não está a participar. Sem falar da eterna ansiedade por aprovação, por estarem todos constantemente sob eterna avaliação. Um artigo publicado pelo The Guardian em abril de 2015 falava exatamente sobre a necessidade destes novos solitários serem vistos, aceitos e desejados, cada vez mais cautelosos e desinteressados de transportarem estes contatos do virtual para o real. Eles citam uma investigação realizada pela Universidade de Chicago, que demonstrava que pessoas sob tais circunstâncias tendiam a rejeitar e a perceber outras formas de interações sociais de uma forma hostil.

E a ansiedade causada pela perspectiva de novas relações provenientes da internet tem causado um outro efeito colateral inesperado: o aumento do consumo da pornografia. Um dos sites mais famosos e mais consumidos para os que procuram o assunto, é o site 'Pornhub'. Seu número de visitas só tem aumentado nos últimos anos. Apenas nos EUA, este número aumentou de 12 milhões

de visitas em 2009, para 25 milhões de visitas em 2012. Em 2017, só este site recebeu 50 milhões de visitas apenas de computadores e smartphones localizados em solo Norte-Americano.

O aumento de sites e plataformas para encontro virtual (Tinder, Grindr, Hornet, Badoo, etc), ao invés de aumentarem a quantidade de encontros reais, tem tido o efeito contrário. Aparentemente os jovens esperam o 'match' perfeito, que raramente ou nunca acontece. Resultado concreto: a revista científica “Archives for Sexual Behaviour” publicou um artigo de autoria de três grandes universidades dos EUA a partir dos anos 80 onde afirma que os jovens daquele país estão a fazer menos sexo do que os seus pais o faziam, na mesma idade. A pornografia livre, gratuita e para todos os gostos tem feito com que muitos jovens prefiram resolver suas pulsões sexuais no conforto e isolamento dos seus lares. Há inclusive pesquisadores que ligam o aumento de consumo de pornografia à diminuição de nascimentos em países desenvolvidos.

2.1.3 As relações líquidas

Tudo se torna rápido, tudo é descartável. Nada é feito para durar, nada é seguro. Nem seu emprego, nem seu casamento, nem seu telemóvel, nem a sua autoestima, nem a sua satisfação. A cada ano que passa, as pessoas se tornam menos tolerantes às sensações desagradáveis e a busca da felicidade, assim como a imortalidade, é o Santo Graal dos dias de hoje. Para muitos, a felicidade são sensações agradáveis no corpo ou na mente. É o desejo realizado. E a busca por estas sensações geram ansiedade. Lidar com o sofrimento não é uma opção, e qual o melhor antídoto para estas sensações desagradáveis? Mais uma hora em meu smartphone, onde eu vivo a ilusão imediata, ou uma nova dose de algum ansiolítico ou qualquer outra química, que eleve meus níveis de endorfina, oxitocina, dopamina e serotonina (os chamados hormônios do prazer)? Impossível não lembrar de Sidarta Gauthama Buda: “uma pessoa que não deseja, não sofre”.

Para dar ordem ao mundo real, no decorrer da História, o Homo Sapiens desenvolveu a habilidade de dar valor a coisas que existem apenas em sua imaginação. Seus deuses, o valor do dinheiro, pátrias... conseguimos imaginar e mesmo interagir como que nunca tocamos, saboreamos ou sentimos o cheiro. A internet, como um 'não lugar' é a sua mais nova, se não mais letal, criação. E as ideias se proliferam, tal qual a teoria dos 'memes', criada por Richard Dawkins e pela primeira vez apresentada em seu livro *Selfish Genes*. Talvez as ideias tenham mesmo vida própria e se reproduzam como material genético que, para sobreviver, precisam infectar o maior número possível de cérebros.

E a população em geral (mas especialmente os jovens) tem se tornado cada vez mais insegura nas relações reais. Em um momento em que a vida real se torna desinteressante, e assim o será enquanto não puder ser boa o suficiente para ser apresentada em uma tela de computador,

passamos a viver a 'era do falso glamour', das 'relações fluídas e frouxas', deste 'não-lugar'. Em seu extraordinário livro, *Modernidade Líquida*, sobre isto Zygmunt Bauman afirma:

“A identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar qualquer forma que possa ter adquirido.” (2001: 98)

O desaparego pelo real, pelo concreto, pelo duradouro também é debatido pelo Professor Brodsky, citado novamente por Zygmunt Brauman, agora no livro *Tempos Líquidos*:

“Vocês vão se entediar com seus empregos, suas esposas, suas amantes, a vista de suas janelas, a mobília ou o papel de parede do seu quarto, seus pensamentos, vocês mesmos. Conseqüentemente, vocês vão tentar encontrar maneiras de fugir. Além dos artifícios de auto-satisfação mencionados acima, vocês podem recorrer à mudança de emprego, de residência, de empresa, de país, de clima, podem assumir a promiscuidade, o álcool, viagens, aulas de culinária, drogas, psicanálise...” (2007: 109)

Em um mundo que privilegia o efêmero ao invés do concreto, o criado ao invés da natureza, a novidade ao invés da estabilidade, a imagem ao invés do real... mudanças tão radicais na sociedade em menos de uma geração, há que cobrar o seu preço. Se pesquisas realizadas em 1990 pelo antropólogo Robin Dunbar, diretor do Instituto de Antropologia Cognitiva e Evolutiva da Universidade de Oxford, demonstraram que um agrupamento humano natural seria de 150 pessoas – porque não temos como interagir, ter amizade, nos relacionarmos com um número superior a este – porque precisamos de 5000 amigos no Facebook e um número ilimitado de seguidores no Instagram ou no Twitter?

2.1.4 O mundo virtual e nossos cérebros

Estamos ainda a desconsiderar as questões biológicas envolvidas. A BBC – Brasil traz um artigo publicado em 2018, onde neurologistas alertam que o cérebro dos pequenos que vivem mais em mundos virtuais que reais podem crescer de um modo desbalanceado. As regiões cerebrais responsáveis pelo armazenamento das emoções se desenvolvem mais rapidamente. Segundo o psiquiatra infantil Timothy Wilens, do Massachusetts General Hospital (EUA) em artigo publicado no periódico *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* e citado pela

mesma reportagem da BBC-Brasil de 2018, citada acima, "Isso significa que (nesse período) há um risco aumentado para excessos emocionais acompanhado de pouco poder de discernimento".

Na opinião do especialista em saúde mental da Unicamp Neury Botega, em matéria publicada pelo Jornal Folha de São Paulo de 25.04.18, o cérebro do adolescente não estaria preparado para a pressão atual, por sofrerem mais pressões derivadas do imediatismo e impulsos. O cérebro destes jovens não teria tido tempo suficiente para construir um sistema de checagem e equilíbrio das emoções. O desenvolvimento assimétrico do cérebro, segundo este e outros pesquisadores, faz com que os cérebros se tornem mais frágeis psicologicamente, mais suscetíveis a problemas de saúde mental, síndrome do pânico, depressão, ansiedade... todos estes fatores que estão diretamente relacionados ao aumento do número de suicídios. Nossos jovens estão sofrendo. Uma inteira geração já surge doente. Ou como sugere o antropólogo Arturo Escobar, para quem a modernidade está em guerra contra a vida e decreta o que atualmente acontece em seu livro 'Designs for the Pluriverse', através de um poema de Bob Dylan :

“The order is rapidly fadin’ / And the first one now will later be last /
For the times they are changin.” (2018: 27)

O aumento de número de suicídios entre as comunidades indígenas foi o assunto de um relatório das Nações Unidas. A destruição ou sua retirada de seu habitat natural e a consequente perda de identidade cultural e quebra de suas tradições, faz com que os mesmos percam o desejo de viver, a esperança no futuro (a compreensão de futuro de muitos deles é diferente da Ocidental). Segundo matéria postada no site da UNESP – Brasil (Artigo “Saúde Mental”, 2010), a taxa de mortalidade via suicídio entre os índios Kaiowá (Mato Grosso – Brasil), é 19 vezes maior que da população brasileira. Entre os Inuit (esquimós), é 11 vezes maior que entre os seus concidadãos canadenses. É triste mas é fácil compreender o fenômeno por trás destes números alarmantes. Mais complicado é entender os números exibidos pelos países 'mais felizes', 'mais ricos', 'mais desenvolvidos' (dados e referências fornecidos na página 26, quando trabalharmos sobre fatores casuais que levam ao suicídio).

Gostaríamos de apresentar a seguir uma hipótese, baseada na História e Biologia, assim como em livros e artigos de Antropologia, Psicologia e Medicina, resumindo tudo o que já foi trazido nos capítulos anteriores.

O escritor brasileiro Augusto Cury, em seu livro *Ansiedade*, afirma que a humanidade tomou o caminho errado nestas últimas décadas:

“...estamos nos estressando rápida, intensa e globalmente na era dos computadores e da internet. Estamos levando a psique a um estado de falência coletiva e não percebemos o mal do século. Mesmo se o conteúdo for positivo, culto, interessante, o aceleração do pensamento por si só gera um desgaste cerebral intenso, produzindo a

mais importante ansiedade dos tempos modernos, com a mais rica sintomatologia. Não precisamos ter tido uma infância doente para sermos adultos ansiosos; basta termos uma mente hiperacelerada, que adoeceremos.” (2017: 06)

Com todo respeito que merece o escritor Augusto Cury, também Doutor em Psicanálise e Psiquiatra, gostaríamos de ligeiramente discordar. A humanidade não apenas tomou o caminho errado nestas últimas décadas. Estamos a tomar caminhos errados há milênios, mas aparentemente o andar por este caminho errado que se acelerou nestes últimos anos. Passamos a 'navegar' velozmente sobre ele.

2.1.5 Responsabilidades e Novos Desafios para a Antropologia

O caminho que a humanidade tem escolhido (consciente ou inconscientemente) tomar, está a gerar um novo modelo de ser. E entender o perfil deste ser que surgirá após mais esta revolução, também é responsabilidade da Antropologia. Se a ideia que Antropologia é a ciência que percebe o que nos faz humanos, continuaremos a sermos humanos ou outro ser está a ser gerado nas entranhas de um mundo feito de bites e paraversos (onde a realidade e virtualidade são mesclados)?

E a sociedade se transforma e imensos novos campos para pesquisa etnológica se abrem. Enquanto isso, grande parte de nossos intelectuais gasta seu tempo e energia em Seminários, Congressos e reuniões a discutir o que é a Antropologia, quais os limites de sua atuação que interfeririam em sua 'pureza', o que pode ser utilizado como instrumento de investigação, sua legitimidade como ciência e consequentes repercussões políticas e epistemológicas. E estas transformações e modificações tem acontecido em uma velocidade estonteante.

Este trabalho tem como objetivo entender a real relevância destas modificações, observar as consequências desta nova realidade sobre as pessoas de hoje, a influência das redes sociais nas mentes juvenis, tentar analisar estes resultados e propor uma reflexão sobre a abrangência da Antropologia (suas atuais e possíveis vertentes) e urgência de sua intervenção social. Mais que respostas, queremos questionar. Afinal, assim como disse Claude Lévi-Strauss em sua obra clássica *Mythologiques*, Vol. 1, a sabedoria está mais presente nas perguntas que se fazem do que nas respostas que são dadas (“The scientist is not a person who gives the right answers, he's one who asks the right questions” - 1964:15).

2.1.5.1 Compreendendo a aplicabilidade da Antropologia

Se a Antropologia nasce da necessidade de compreender a diversidade cultural, para entender-se o 'outro', através da observação e descrição em trabalho de campo e posterior síntese (Claude Lévi-Strauss), para Willigen que exaustivamente trabalha sobre o assunto em sua obra de 1986, *Applied Anthropology: An Introduction*, a Antropologia Aplicada é a 'Antropologia colocada em ação'. Mas como colocar nossa visão antropológica em prática sem cair no etnocentrismo?

Xerardo Pereiro em seu trabalho *A Antropologia aplicada e suas perspectivas*, cita o antropólogo Carlos Castaneda (1974) em um destes casos tristemente comuns, cometido pelos nossos colegas de profissão:

“Como los misioneros del siglo XVI, los antropólogos mexicanos se acercan a las comunidades indígenas no tanto para conocerlas como para cambiarlas... Los misioneros querían extender la comunidad cristiana a los indios; nuestros antropólogos quieren integrarlos en la sociedad mexicana. El etnocentrismo de los primeros era religioso, el de los segundos es progresista y nacionalista. Esto último limita gravemente su comprensión de ciertas formas de vida.” (1974:14-15)

Se para alguns, a Antropologia Aplicada é a Antropologia agindo do contexto acadêmico, para outros é a Antropologia sendo realizada a pedido de uma organização pública ou particular através de uma cooperação, através da qual objetiva-se obter mudanças a curto ou a médio prazos.

Estas duas áreas de atuação aparecem de maneira clara em um quadro comparativo produzido pelo antropólogo estadunidense Conrad Phillip Kottak (2007) e publicado no livro *A prática da Antropologia* de Lucio Souza, mas de forma mais clara ainda nos trouxe John Van Willigen, em seu livro *Applied Anthropology: An Introduction*:

“...applied anthropology is the phrase commonly used by anthropologists to describe their professional activities in programs that have as their primary goals changes in human behavior believed to ameliorate contemporary social, economic and technological problems, rather than the development of social and cultural theory.” (1969:54)

Mas as discussões sobre as áreas de atuação e ação da Antropologia não cessaram com a aceitação da possibilidade de existir uma Antropologia que pudesse ser aplicada e nem com a compreensão de que a Antropologia possa ser subdividida em Cultural, Arqueológica, Linguística e Biológica ou Física. Discussões sobre a existência (ou não) de uma Antropologia Social, Médica, Educacional, Ecológica, Visual, Religiosa e outras.

Indo um pouco além, Xerardo Pereiro nos apresenta, através do seu trabalho *A Antropologia Aplicada e as suas Perspectivas*, a Antropologia Prática, que caminharia paralelamente à Antropologia Geral e à Aplicada, conforme sugerido inicialmente por Thomas Weaver:

“Com algumas diferenças, Thomas Weaver (2002) distingue entre antropologia acadêmica, antropologia aplicada e antropologia prática. Se bem que defende a ideia de que estas três antropologias partilham uma formação básica comparável, afirmando também que a antropologia aplicada é um campo diferente da antropologia acadêmica. A diferença é que os antropólogos acadêmicos trabalham fundamentalmente no ensino da antropologia e na publicação de resultados das investigações subsidiadas, porém os antropólogos aplicados são antropólogos acadêmicos que trabalham temporariamente como assessores e investigadores para um cliente. Thomas Weaver ... define a “antropologia prática” como aquela que é realizada fora da academia, multidisciplinar, com metodologias rápidas para dar respostas a problemas que precisam de um acção imediata.” (2006:05)

Não apenas as áreas de atuação da Antropologia tem estado sob debate há décadas, mas também as suas ferramentas de investigação. A discussão sobre se projetos audiovisuais etnográficos podem ou não serem considerados 'estudos antropológicos'. Independente de certo preconceito e desdém, os chamados 'antropólogos visuais' (que fazem uso de imagens como ferramentas de investigação) se fazem cada vez mais presentes em encontros científicos europeus, através de mostras de filmes e exposições fotográficas.

O que parece estar em questão é o privilégio concedido ao sentido da visão dentro da pesquisa antropológica. Em um mundo cada vez mais visual e cada vez menos textual, não podemos nos esquecer que as imagens acompanham a Antropologia desde os seus primórdios: gravuras rupestres, desenhos, pinturas, fotografias, filmes e, hoje em dia, a Internet. O que me parece ser central nesta discussão não é se a Antropologia Visual passaria a ser uma disciplina mas, como discutem Marcus Banks e Jary Rubi, qual o alcance de sua influência no processo de conhecimento para o antropólogo. Ou, como provoca Sarah Pink em várias de suas obras, mas mais especificamente em *The Future of Visual Anthropology*, (2006:79-81), a necessidade de um novo “engagement with the real world”.

E tanta discussão, que me pergunto ser produtiva, faz-me lembrar Foucault, que condenava as restrições à possibilidade de se pensar diferente. Mais ainda me faz lembrar de um texto do Professor de Filosofia, Religião e Cultura de Kent University, Jeremy Carrette que em seu livro *Selling Spirituality*, ao criticar o exagero do academicismo entre os seus colegas de Filosofia e Religião (mas que certamente podem ser aplicados a todos aqueles, de todas as áreas das ciências, mais preocupados com termos do que com resultados):

“...academic discussions become ways of developing niche markets for professional academic egos rather than seeking to offer collective contributions to the wider society. Pointless internal debates, increased bureaucracy and a rhetoric of ongoing improvement and modernisation weaken the political resolve of the academic community and perpetuate the ideologies that increasingly govern the

system.” (2004:164)

E a Antropologia se aperfeiçoa e alarga sua área de atuação, independente de preconceitos e pré-conceitos do que ela possa apenas ser. Mantendo-se o conceito de que sua técnica central de pesquisa é a observação participante, a partir de longos períodos de imersão e pesquisa, visando a compreensão de como vivem grupos, comunidades e tribos, procurarei me debruçar sobre as 'tribos virtuais'. Assim percebo que minha área de atuação para este trabalho será o que Weaver chama de 'Antropologia Prática', tentando trabalhar com a Antropologia Digital como se fora sua subdisciplina. Sem, entretanto, ater-me às nomenclaturas.

2.2 Homossexualidade - Um Breve Histórico

2.2.1 O Mito da Heterossexualidade Normativa / Homossexualidade como Tabu

Uma sociedade que baseia boa parte dos seus preceitos em mandamentos de origem religiosa, será certamente crivada por mitos e tabus. Ambos são construções sociais, que variam de acordo com esta mesma sociedade ou então com o seu Zeitgeist ou momento histórico. Enquanto o mito, no contexto deste estudo, é uma explicação errônea, o tabu pauta-se no preconceito e na proibição de certas práticas ou comportamentos.

Os tabus, em seu sentido corrente e não tomando emprestado o sentido técnico utilizado pela psicologia, serão mais ou menos fortes de acordo com o ambiente socio-cultural que se observa. Se na antiguidade a noção sobre a homossexualidade era praticamente inexistente e o sexo de sua preferência para atos sexuais irrelevantes, não seria mais assim a partir da era Cristã, principalmente a partir do século XVII. Interessante ver que a pulsão para a homossexualidade em nossa sociedade fundamentada em religiões monoteístas é calada através de um processo de negação, transformando este desejo em tabu.

2.2.2 A Necessidade de Mitos

Para Lévi-Strauss, o mito vem para dar significado ao caos. A ordem é preferível à desordem. Estes mitos dariam ao homem a importante ilusão de que ele entende o Universo. Malinowski vê o mito como item importante dentro da fenomenologia, em suas palavras expostas em seu trabalho *Magia, Ciência e Religião*, ela “é uma realidade viva, que se crê ter acontecido em tempos recuados e que continua a influenciar o mundo e os destinos humanos” (1988:103). Cada

mudança histórica geraria sua própria mitologia, com imensa força cultural e implicações sociais. Há vários mitos de cosmogonia (de criação do universo e do homem pelo deus ou deuses), especialmente entre os agrupamentos totêmicos.

Freud deteve-se muito a tentar compreender o mito da religião. Para ele, a religião surgia do desamparo – pela necessidade de defesa contra as forças da natureza, como consta em seu livro *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade*:

“...é a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer - reação que é, exatamente, a formação da religião.” (2016:133)

Ainda segundo Freud, as necessidades narcisísticas do bebê são direcionadas à sua mãe, que se torna seu objeto amoroso e proteção contra a ansiedade. A função de proteção, inicialmente desempenhada pela mãe, é assegurada pelo pai, a quem a criança teme e admira. O adulto religioso nada mais seria do que a criança que ainda procura proteção contra o desamparo em um ser superior, em alguém cujas características seriam semelhantes ao do seu pai carnal, conforme consta em seu livro *O Futuro de uma Ilusão*:

"Assim, a religião seria a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai." (1988:69)

O segredo de uma religião está na força da realização destes desejos: de pertencer, de amparo, de ilusão. Para Freud, toda ilusão é fruto de um desejo. E quanto mais forte o desejo, tanto mais forte ela o será. Para fugir desta neurose infantil, ainda segundo o pai da psicanálise, se faz necessário afastar-se da religião. Por mais que a visão de Freud esteja presa dentro do espírito do tempo no qual vivia, uma sociedade basicamente patriarcal e heteronormativa, estaria Freud ainda hoje nos pedindo para reencenarmos a cena central de Édipo Rei? Matando, ao invés de Laio, o nosso Pai Celestial?

2.2.3 Seria Deus um Homem Heterossexual?

Com mais de 3 mil religiões em atividade ao redor do mundo atualmente, fica difícil entendermos e analisarmos “deus” sem fazermos uma escolha a partir de nosso contexto socio-cultural. Há inclusive religiões não-teístas, como o Budismo. Para nós, ocidentais, é confuso imaginarmos como uma religião pode prescindir de um deus ou de um panteão deles. Para entendermos o gênero de deus, escolhemos analisar o deus das religiões monoteístas – afinal nas religiões politeístas (Hinduísmo, Candomblé – cultos afro, antigas religiões greco-romanas,

nórdicas, egípcias, etc) há personagens masculinos e outros femininos, inclusive alguns que possuem, ou se manifestam com ambos os sexos. Então é no deus Abraâmico que nos deteremos, ao simplisticamente aceitar que Javé, Theos e Alah sejam apenas diferentes perspectivas de um ser singular.

Segundo o Velho Testamento judaico-cristão, Deus (Javé) teria criado os dois sexos 'segundo a sua imagem e semelhança'. Logo, os dois sexos seriam representação fiel da identidade de Deus. O silogismo encontrado nesta afirmação poderia ser suficiente para Aristóteles, mas não para a Igreja, que sempre encontrou algum desconforto ao tratar desta situação. A Igreja primitiva e da Idade Média podiam aceitar ou mesmo afirmar que Deus não tinha sexo definido, mas como se referir ao Criador sem dar gênero às palavras? Apesar do catecismo da Igreja Católica afirmar que: "Deus não é nem homem e nem mulher: Ele é Deus", a mais famosa oração do mundo, o 'Pai Nosso', que é repetida diariamente por centenas de milhões de pessoas mundo afora, confere a Deus a figura masculina da paternidade – de uma forma tão enfática como em nenhuma outra das grandes religiões. A figura paterna, como já nos dizia Freud, traz segurança e temor – sentimentos que se adequariam bem a um deus por vezes guerreiro e vingativo, por vezes sábio e benevolente.

Segundo a escritora e ex-feira Karen Armstrong, em seu livro *Uma História de Deus* (1994), afirma que a insistência de usar Deus no masculino teria um objetivo político claro e este seria o de manter as mulheres fora do sacerdócio. Em outro exercício de silogismo, ela afirma que, para estes líderes cristãos, se Deus é homem, logo seus representantes também o deveriam ser. Entre os vários esforços de correntes cristãs de tornarem a figura de Deus mais 'feminina' ou 'neutra' citamos a tradução do Novo Testamento por John Henson, que troca o masculino 'father' pelo neutro 'parent', a Igreja Metodista que introduziu em 1999 um novo manual de culto onde descrevem Deus como sendo 'our Father and our Mother' em substituição ao simples 'our Father'. Entre os judeus, em 1996, *Gates of Repentance*, um livro de orações diárias do judaísmo, foi publicado chamando Deus através dos neutros 'sovereign' e 'parent', abandonando os termos 'king', e 'father'.

Apesar de entre os muçulmanos a masculinidade divina não ser delineada de forma tão clara, não se observa movimentos em direção da neutralidade do gênero divino.

O desconforto psicológico da ausência materna do Deus único e masculino (vindo quer seja da psiquê infantil à procura da mãe, quer seja da comparação com a presença doce feminina nas deusas pagãs), seria, ainda segundo Karen Armstrong, compensada pela devoção à Virgem Maria. Através da presença da Virgem, teríamos uma mãe nos céus a olhar por nós. Cujo papel, como toda boa mãe, seria interceder pelos filhos perante um pai viril e justo.

Pode-se divagar sobre o sexo divino e esta suposta compensação da ausência feminina com a elevação da personagem Maria, mas nada seria mais sacrílego do que questionar a heterossexualidade de qualquer um destes.

2.2.4 Deus e a Homossexualidade

Há uma obsessão no que se refere à sexualidade alheia por parte das religiões monoteístas, logo, por Deus. Desde quando Deus escolhe Abrão e com ele faz um pacto. O pacto será para sempre uma marca indelével em seu corpo: seu pênis será marcado através da circuncisão. Leis para reger as relações sexuais dentro e fora do casamento, masturbação, sexo entre pessoas do mesmo gênero... até mesmo os pensamentos impuros serão condenados como se atos fossem.

E um conflito perpétuo inicia-se: o dilema de escolher ou servir a Deus ou viver em plenitude a sua sexualidade. Em seu livro *Intimate Citizenship*, Ken Plummer resume o absurdo de se colocar determinações sociais e religiosas e leis acima do direito individual à escolha e auto-determinação:

“The idea that we are autonomous beings who can choose whom we marry and when we divorce; choose how many children we wish to have and whether to abort them before birth or find them through artificial means; choose what kind of sex we have and who with – be it homosexual, heterosexual, bisexual or multisexual; and choose how to behave as a man, a woman or even transgender along a range of points on a continuum of genders; choose, indeed, what kind of bodies we have – all this a growing number of people now take for granted. To suggest the opposite – that others can tell us who to marry, or when we can have children or what kind of sex we should have – is to suggest a world that some see as rapidly in decline.” (2003:5)

Apesar de bem colocado por Ken Plummer, de uma maneira simples e didática, sabemos que a tensão existente entre o que quer Deus e os direitos humanos de auto-determinação está longe de estar resolvida. Entre vários países muçulmanos da Ásia e da África e outros cristãos das Américas e também da África até a cidadania é retirada dos homossexuais, no Ocidente, mesmo que não lhes seja retirada totalmente, lhes é tomada em parte. A tradição familiar, a religião cristã, os antigos conceitos sobre o ideal da masculinidade – vigentes até o final da Segunda Grande Guerra, mas que ainda perduram principalmente fora dos grandes centros – trazem angústia e sofrimento psíquico àqueles que insistem em não se comportar dentro do que o padrão da burguesia conservadora exige, assunto vastamente trabalhado pelo professor George L. Mosse, em seu livro *Nationalism and Sexuality*.

Ainda segundo o L. Mosse (1985:25), o ideal de masculinidade sempre foi evocado para salvar a sociedade contra os perigos da modernidade, que seria a grande ameaça a ela mesma. Qualquer coisa que fosse contrária a este ideal de masculinidade, viril e heterossexual, seria anormal e deveria ser, portanto, extirpado.

A representação masculina sempre evocava o imaginário greco-romano, adaptado à ideia do

século XX: o homem forte, inteligente e lutador. A doçura e passividade seriam características femininas e estes conceitos se tornaram a base da sociedade burguesa de então.

Manter este status de diferença entre os sexos era obrigação da burguesia. Este pensamento, herdado dos puritanos evangélicos ingleses do século XVII, deveria ser defendido e todo divergente, todo anormal, retirado da sociedade (retirar da sociedade = considerar a pessoa marginal = tirar-lhe direitos e a plena cidadania).

Em uma sociedade baseada na diferenciação dos papéis entre o homem e a mulher fortemente influenciada pela religião, o maior exemplo de anormalidade e rebelião às regras (civis ou de Deus) não seria outro senão os homossexuais.

2.2.5 A Homofobia ainda Existe?

De acordo com o L. Mosse, o ideal da masculinidade tem sido evocado com o objetivo de se preservar a sociedade contra o mal gerado pela modernidade (1985:25). Qualquer coisa que seja contra este ideal de masculinidade - viril e heterossexual, deveria ser considerado como não natural e, portanto, exterminado.

Em uma sociedade baseada nos diferentes papéis a serem desempenhados por homens e mulheres e orientados pela religião, o maior exemplo de anormalidade e rebelião contra as leis (dos homens ou de Deus) devem ser os homossexuais.

Se sabemos que historicamente as primeiras opiniões judaico-cristãs com relação à homossexualidade não eram tão diretamente direcionadas ao ato sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas se referiam como antinaturais, e eram veementemente contra – um dos primeiros grandes teólogos do cristianismo, Clemente de Alexandria, dizia que 'ter relações sexuais com qualquer outro fim que não seja o de gerar filhos, é violar a natureza' -, quaisquer relações que não visassem a procriação (sexo oral, anal, masturbação, coito interrompido), passamos a perceber que a atitude da igreja cristã foi amainando com relação a todas as demais (relevando, ignorando ou, pelo menos, considerando os demais um pecado 'menor'), a intransigência foi se intensificando, até chegar ao ódio persecutório e homofobia, expostos e incentivados com maior força e eficácia a partir do século XVIII, espalhados ao redor do mundo pela Inglaterra Vitoriana, que, à época, era o império sob o qual o sol nunca se punha. A homossexualidade que era não apenas natural, mas parte de praticamente todas as sociedades existentes, passou sob a força moralista vitoriana, a ser considerada antinatural. Pior para os homossexuais, travestis e transexuais chineses, japoneses, indianos, norte-americanos e africanos. Por mais de dois séculos destinados a esconderem suas paixões e desejos dentro de armários vedados. Os problemas psicológicos que isso pode causar a

esses ainda será discutido nos capítulos seguintes. Armário é um lugar escuro e solitário, não há 'Nárnias' em seu interior.

Mesmo com eventuais discussões e movimentos persecutórios contra os homossexuais existentes na Europa, ainda havia, em muitas regiões, uma tolerância com relação ao amor entre os iguais. Há diversos registros de casamentos entre pessoas do mesmo sexo realizados por igrejas paroquiais até o final do século XIV. Uma cerimônia chamada ocorria a chamada adelfopoiesis, que, em grego, significa “fazer irmãos”. Nesta cerimônia dois homens se juntavam para formar uma convivência. A prática da adelfopoiesis foi pesquisada e exposta pelo teólogo ortodoxo Pável Florenski, em seu livro *The Pillar and Ground of the Truth: An Essay in Orthodox Theodicy in Twelve Letters* (2004:316)

Um divisor de águas relevante foi a eclosão da Peste Negra, mal que dizimou cerca de 50 milhões de Europeus (cerca de um terço de sua população). Tal mal gerou pânico entre a população e, assim como em qualquer ambiente místico e com pouca informação, procurou-se as respostas para tal castigo, certamente celestial. Deus certamente a todos castigava pelos seus pecados. A conclusão foi a mais fácil possível e atingiria as minorias: os judeus, os sodomitas (homossexuais) e os pagãos que viviam em seu meio seriam os responsáveis pela ira divina. A eliminação desses grupos se fez urgente e necessária para que os demais fossem poupados. Essa conclusão e a perseguição que a seguiu desenhou o 'zeitgeist' europeu daquela época e dos séculos seguintes. A consequência direta de tal ato foi que ao final do século XIV quase não mais haviam judeus na Europa Ocidental. O missionário franciscano São Bernardino de Siena pregava, nas cidades que visitava, que os homossexuais eram a razão das milhares de mortes. Segundo William Naphi, em seu livro *Born to Be Gay*, apenas na cidade de Florença (de 40 mil habitantes), 17 mil homens foram condenados e 3 mil condenados por sodomia (2006:100)

O sexo entre iguais não seria mais considerado nem como normal, menos ainda como natural. Para podermos seguir em frente, precisamos compreender o que significa 'ser natural'. O filósofo James Rachels explica em seu livro *Os Elementos da Filosofia Moral* que algo 'não natural' pode ser compreendido de três formas: 1) questão estatística: não ser natural é não ser igual à maioria. 2) questão de finalidade: atividade divorciada da prática para a qual ela foi concebida. 3) questão avaliativa: falta natureza ou naturalidade pelo simples fato de ser considerada como errada (2013:57)

Em quaisquer uma das formas propostas pelo filósofo norte-americano o Cristianismo tem encontrado embasamento para a sua homofobia internalizada. Se são honestas, justas, coerentes, éticas ou cristãs (em seu âmago), já é outra coisa.

A questão da finalidade do sexo (procriação) encontra embasamento bíblico. Da mesma forma como o sexo pelo prazer, masturbação, sexo oral, sexo durante o período de menstruação e

quaisquer tipos de métodos contraceptivos. Talvez o mandamento bíblico 'sede fecundos, disse-lhes ele, multiplicai-vos e enchei a terra' (Gênesis 9) faça sentido a uma terra despovoada. Seria relevante a este momento, quando 7 bilhões de pessoas se espremem sobre um planeta que sofre as consequências da sua superpopulação? Superpopulação esta que cobra um alto preço em poluição, aquecimento global e escassez de recursos naturais? Faz sentido incentivarmos, mesmo que indiretamente, o aumento populacional, quando cientistas do mundo inteiro dizem que a quantidade ideal de humanos sobre esse nosso pequeno planeta seria de 2 bilhões de pessoas? Não estamos, em nome da tradição, mantendo um discurso não apenas ultrapassado, mas irresponsável?

A última é de foro íntimo: não seria natural porque eu (ou o grupo, denominação que eu respresento) não considero natural. É nossa ética pessoal ou de grupo e demandamos respeito a ela. Escolhemos, com base em valores próprios, o que consideramos imoral. Tal argumento é falho, visto ser relativo. Os cristãos já foram considerados hereges e criminosos. Milhares de cristãos foram mortos por isso (e em alguns lugares do mundo, ainda o são). Exigimos respeito quando somos minoria, mas demandamos que sigam as nossas regras internas quando somos maioria (mesmo àqueles que não professam a mesma fé que a nossa). Reclamamos da tirania alheia, aplaudimos nossa ditadura moral. Temos o nosso padrão do que seja a família ideal (que não necessariamente corresponda ao modelo bíblico – relacionamento monogâmico consentido entre adultos, não incestuoso) e lutamos bravamente porque julgamos que os homossexuais querem 'destruir' nosso modelo de família quando na verdade eles parecem não se importar com o modelo de família que temos: querem apenas o direito de terem o seu. Não se trata de uma destruição de modelo, mas de uma expansão de modelo. Até onde se saiba, não tentaram vez alguma (mesmo os movimentos mais radicais) retirar direito algum dos casais heterossexuais, mas passaram a exigir direitos iguais. E uma importante observação: direitos iguais devem ser percebidos como igualdade, não como privilégio. Orientar não é impor. Discordar não é oprimir.

2.2.6 Homossexualidade: Natureza e Saúde Mental

No decorrer da história da humanidade podemos perceber que o sexo e a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo sempre foi considerada como algo natural, até o surgimento de um pequeno grupo em um local distante mas estratégico, que pregava a existência de um deus único e para o qual o sexo deveria ter como objetivo unicamente a preservação da espécie. Tal ideia foi considerada exótica para todas as comunidades ao redor, mas acabou se impondo de forma gradativa. Intercalando momentos de perseguição e descaso, a perseguição ao grupo se intensificou e normatizou-se a partir do século XIV, com o surgimento da Peste Negra. Tal movimento persecutório se limitou à Europa e as novas colônias nas Américas, tendo alcançado alcance

mundial a partir do domínio global por parte do Império Britânico, já no século XVIII, e sua ética puritana.

A partir de então, o homossexual passou a ser considerado não apenas um pecador, mas um criminoso. Passível de condenação a trabalhos forçados e, em outros momentos, à morte. A heterossexualidade passou a ser considerada como a única forma de relação afetiva e/ou sexual aceita, os divergentes legitimamente e legalmente proscritos. As bases para tal alegação eram teológicas, filosóficas e fortemente amparadas no *Zeitgeist* da época. A medicina passou a ser utilizada para reforçar o estigma de degradação, quando em 1886 o médico católico Richard von Krafft-Ebing, autor de *Psychopathia Sexualis*, defendeu que o erotismo deveria ser regulado pela exigência de reprodução da espécie e dos ideais de amor a Deus e à família. No Brasil, os primeiros estudos sobre o assunto foram realizados pelo jurista Viveiro de Castro, onde em sua obra de 1934, *Atentados ao Pudor : Aberrações do Instinto Sexual* trata a homossexualidade não apenas como uma aberração, mas também como uma patologia. Entendamos patologia como qualquer desvio anatômico ou fisiológico, o que caracterizaria uma doença.

Levariam quase 100 anos para que a Associação Psiquiátrica Americana, em um ato simbólico, excluísse o homossexualismo enquanto doença, desvio ou perversão do *Diagnostic and Statistical Manual – DSM*. Inclusive o termo 'homossexualismo' deveria ser trocado pelo 'homossexualidade', que carrega consigo o significado de 'forma de expressão'. No Brasil, apenas em 1985 a homossexualidade deixou de ser considerada como um desvio e finalmente, em 1999, o Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução CFP 01/99, passou a proibir o tratamento psicológico visando qualquer tipo de correção, ou 'cura', da homossexualidade, considerando que para existir a cura pressupõe-se a existência de doença – pensamento incompatível com as descobertas científicas e amadurecimento ético Ocidental.

Cinco séculos ou quinhentos anos podem parecer pouco se olharmos a história humana e seus cerca de duzentos mil anos de existência, mas para as pessoas que vivenciaram esses tempos de perseguição, tal minimização não produz alívio algum.

2.2.6.1 A Limitação do Direito de Ser e a Saúde Mental

Então já compreendemos que a partir de 1992 a OMS deixou de considerar a homossexualidade como sendo uma doença, uma patologia. Da mesma forma, recentemente, a Associação Americana de Psicologia reafirma que os psicólogos devem “entender que orientações gay, lésbica e bissexual não são doenças mentais”, não havendo tratamento disponível para estas condições. Entretanto, em 2014, um estudo realizado pela ONG ILGA Portugal - 'Saúde em Igualdade' - material que está disponível para consultas on-line, chegou à números assustadores:

certos “profissionais na área da saúde mental ainda afirmavam poder curar a homossexualidade”; 11% dos participantes que tinham ido a uma consulta com um profissional de saúde mental ou psicoterapeuta declararam que lhes tinha sido sugerido que a “homossexualidade é uma doença e que pode ser ‘curada’”.

Importante tentarmos entender o que esta patologização de uma característica pessoal pode trazer para uma pessoa. Quando pessoas são forçadas a se encaixar dentro de moldes aos quais não pertencem. Pertencer é natural e orgânico. É necessário para a saúde mental. Bert Hellinger em seu maravilhoso livro *A Cura* afirma que todos tem o direito de pertencer a um grupo:

“Pertencer... é uma necessidade básica. Esse vínculo é o nosso desejo mais profundo. A necessidade de pertencer a ela vai além até da nossa necessidade de sobreviver. Isso significa que estamos dispostos a sacrificar e entregar a nossa vida pela necessidade de pertencer a ela.”
(2014:17)

Sem a segurança do pertencer, da plena cidadania, a muitos resta a desesperança. Mesmo em países que se consideram mais liberais no que diz respeito aos direitos destas minorias. Em Portugal, por exemplo, estudos financiados pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e publicados sob o título “Estudos sobre a Discriminação em Função da Orientação Sexual e da Identidade de Género”, afirmam que os homossexuais teriam sofrido, no decorrer de suas vidas, violências física ou verbal três ou mais vezes e que seria dentro da religião cristã onde eles se sentiriam mais discriminados (2010:163-188). (10) Há nos EUA, uma pesquisa realizada pela Universidade de Columbia entre 32.000 jovens com idades variando entre 13 e 17 anos, coletados juntos ao Oregon Healthy Teens Survey em 2010 e publicado no site da Universidade, concluiu que a probabilidade de um homossexual cometer o suicídio é cinco vezes maior que um jovem heterossexual. The Suicide Prevention Resource Center, uma das ONGs americanas mais conceituadas na prevenção de suicídios, publicou um manual em 2010 chamado “Suicide Risk and Prevention for Lesbian”, Gay, Bisexual, and Transgender Youth e que está disponível on-line, onde afirma que entre 30 a 40% dos homossexuais tentam acabar com suas vidas em algum momento de sua existência. Muitos são bem-sucedidos nessa empreitada.

Ainda sobre doenças mentais, a pesquisa, publicada na revista médica americana JAMA Internal Medicine e realizada em todo o país em 2013 e 2014, afirma que os homossexuais e os bissexuais estão mais expostos a problemas de saúde mental, física, tabagismo e consumo excessivo de álcool que os heterossexuais, segundo um estudo divulgado nesta segunda-feira (27/06) nos Estados Unidos, que atribui as conclusões ao estresse vinculado à discriminação que essas comunidades sofrem.

Entre os heterossexuais entrevistados para o estudo, 16,9% sofrem de angústia psíquica moderada ou severa. Essa taxa sobe para 25,9% entre os gays, e para 40,1% entre os bissexuais.

2.2.7 A Negação da Cidadania e Perseguição aos Homossexuais – Preconceitos e Sofismas

Relembrando o que já foi escrito, até o século XIX a única identidade dotada de cidadania e portadora de direitos civis era a figura masculina heterossexual. No Brasil, os homossexuais eram violentamente oprimidos pelo Governo e pela sociedade, através de sentenças de morte, muitas vezes por linchamento público. Em Portugal, estes mesmos indivíduos eram considerados um perigo para o Estado português – para Salazar a homossexualidade era algo subversivo. Na Escócia, a pena de morte para estes prevaleceu até 1889. Na Inglaterra, até 1861.

Se entre os países ocidentais a noção e fortalecimento dos Direitos Humanos cresceu substancialmente a partir dos anos 70 (não esquecer do motim de Stonewall, no Greenwich Village em Nova York – junho de 1969), com os homossexuais e transexuais afrontando a sociedade com o intuito de serem reconhecidos suas identidades sexuais como legítimas, a ausência de uma proteção jurídica por parte do Estado contra a homofobia ainda coloca a população LGBTI em uma situação de negação de direitos e de vulnerabilidade.

Um exemplo seria a legislação brasileira, omissa na questão da preservação dos direitos e da integridade física da população LGBTI. O próprio presidente eleito em 2018 se declara abertamente homofóbico, ao dizer, entre vários disparates, que homossexuais são resultado de pais que usam drogas e falta de surra na infância. De acordo com a Organização Não-Governamental Grupo Gay da Bahia (GGB), no Brasil, a cada 28 horas um homossexual é assassinado por questões ligadas a sua orientação sexual e mais de 50% dos assassinatos de transexuais no mundo ocorreram no Brasil. Já em Portugal, segundo matéria publicada no jornal Correio da Manhã do dia 20.03.2019, 'cerca de 426 denúncias de crimes de ódio contra homossexuais, bissexuais e transgêneros foram reportados em Portugal, de acordo com os dados do Observatório da Discriminação em função da Orientação Sexual e Identidade de Género pertencente a Organização Não-Governamental ILGA Portugal (Intervenção Lésbica, Gay e Transgênero)'. Como sentir-se um cidadão pleno se a sua simples existência é motivo para colocar sua integridade física em risco?

Se o Brasil não tem acordos internacionais que o force ou o constrange a colocar em prática ações em favor do direito desta minoria, não é o mesmo com Portugal. O Tribunal Europeu dos Direitos do Homem, como o Conselho da Europa, tem como missão apreciar queixas relativas à violação dos direitos previstos na Convenção Europeia dos Direitos do Homem. Este Tribunal tem sido acionado em questões relativas ao reconhecimento legal dos casais do mesmo sexo, com deliberações apoiando o direito de 'serem quem são'. A Europa caminha na direção de não mais considerar os homossexuais como 'cidadãos de segunda'. Esta mesma Europa que exportou a homofobia para todos os cantos do mundo durante o período colonial, seja através do expansionismo puritano vitoriano na África e Ásia, seja pela evangelização e inquisição católica nas

Américas, hoje se redime e busca, timidamente, concertar o erro que cometeu séculos atrás (convém lembrar que antes destes movimentos, o conceito de homossexualidade ou homofobia eram ou completamente inexistentes ao redor do mundo, ou incipientes).

Mas não nos enganemos: Portugal ainda tem um longo caminho de inclusão a ser trilhado. Um interessantíssimo estudo realizado por mestrandas da Universidade PUC do RS (Brasil) em 2019, entre os estudantes de Licenciatura em Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Portugal) e do qual participaram 108 alunos, chegou a números alarmantes:

- a) Um total de 63,9% considera ser possível mudar de orientação sexual
- b) para 43.5% dos/as participantes deste estudo, a homossexualidade ainda é vista como uma patologia e anormalidade
- c) Na opinião de 50%, a homossexualidade é uma escolha
- d) A homossexualidade é causada por um trauma de infância, para 94.4%
- e) Quanto mais se fala em homossexualidade mais pessoas se “tornam” homossexuais. 90.7%

E estes dados foram levantados entre estudantes de curso superior de uma das mais conceituadas universidades portuguesas. Se esta é a opinião dos mais letrados, o que esperar da população em geral?

Apesar de a homossexualidade ter sido retirada da lista de doenças mentais ainda no século passado, não o foi dentro da sociedade e mesmo de nossas instituições de ensino. A afirmação de que há a possibilidade de 'cura' para os gays implica na aceitação de que o mesmo seja uma doença.

Alguns pastores evangélicos brasileiros e outros de várias parte do mundo pregam (discurso repetido incansavelmente por uma legião de seguidores que reproduzem textos sem lançá-los ao crivo da análise) que os homossexuais são resultado de traumas na infância – mesmo pensamento de quase a totalidade dos estudantes portugueses entrevistados. Alguns destes líderes religiosos, como o pastor Silas Malafaia (principal líder evangélico brasileiro), chegou a afirmar que 'todos' homossexuais 'tratados' em sua igreja teriam relatado haver sofrido abuso sexual na infância. Se a homossexualidade é fruto de um trauma, logo se o trauma for removido, tal inclinação também o seria – esse é o sofisma transvestido de silogismo utilizado por esse senhor.

Para que tivéssemos uma visão independente e realista com relação ao assunto, liderei uma pesquisa no ano de 2018, enviando um questionário para centenas de pessoas do sexo masculino que tem relação (eventuais ou não) com pessoas do mesmo sexo. Obtivemos 286 formulários preenchidos e com relação ao abuso sexual, chegamos ao seguinte resultado:

Você sofreu, em algum momento, algum abuso sexual anterior à aceitação de sua sexualidade?

Responderam que 'Sim' – 106 pessoas, ou 37,1% do total

Responderam que 'Não' – 180 pessoas, ou 62,9% do total

Por mais que seja um percentual altíssimo, não chega nem perto do total anunciado por esses pastores que, na ânsia de provar uma hipótese, desprezam a verdade. O que explicaria este índice tão alto de abuso sexual sofrido por este público? Uma hipótese foi levantada por um médico (que solicitou não ser identificado). Pedófilos se aproximam de vítimas em potencial: uma criança do sexo masculino efeminada certamente será um alvo preferencial (mais fácil) do que outras crianças, com sexualidade marcadamente heterossexual. Pode explicar em parte as razões do porquê o número tão elevado se comparados ao grupo predominantemente heterossexual (segundo pesquisa realizada pela Unifesp e republicado pelo Ministério Público do Paraná (Brasil), o percentual de crianças molestadas sexualmente na população em geral chega a 5%). Mais pesquisas se fazem necessárias para entender a existência ou não de relação entre abuso sexual na infância e homossexualidade. De tudo, uma certeza podemos retirar desta pesquisa: definitivamente a maioria dos homossexuais não sofreu trauma de ordem sexual algum durante sua infância. Estão errados os pastores evangélicos, estão errados os estudantes portugueses.

2.2.8 A Negação de Direitos e a Perseguição aos Homossexuais ao Redor do Mundo

Mesmo que as Américas e a Europa não sejam completamente inclusivas aos LGBTI, são o paraíso se comparado ao que acontece nos demais continentes. Em vários países, ser homossexual equivale à pena de morte. No Iemên, O código penal de 1994 define que homens casados que tiverem relações homossexuais recebam pena de morte por apedrejamento. Homens solteiros são chicoteados ou condenados a um ano de prisão. E as mulheres passam até sete anos na cadeia. No Irã também vigora a pena de morte, podendo até mesmo um beijo ser passível de castigos físicos. O apedrejamento também vale para a Mauritânia. A lei sudanesa determina a pena de morte para os reincidentes pela terceira vez na sodomia. Nas primeiras duas vezes, os castigos são a cadeia e o açoite. Em regiões da Nigéria, Qatar, Iraque e Somália também vigora a pena de morte, por violação à Sharia. Em outros 57 países, são aplicadas penas de prisão: de alguns anos até a prisão perpétua. No total, segundo estudos da ILGA, 68 países proibem, com penalidades previstas em lei, atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Do outro lado deste sombrio espectro, 26 países reconhecem o direito ao casamento entre

pessoas do mesmo sexo. 72 países tem leis que protegem estes cidadãos e 28 permitem a adoção de crianças por casais homossexuais.

2.3 Suicídio

O que é suicídio? Como delimitá-lo? Um dos maiores problemas com o qual me deparei ao iniciar este trabalho foi delimitar para mim mesmo o que poderia ser considerado um suicídio. De maneira simplista, concebemos que o suicídio acontece quando uma pessoa decide, por vontade própria, dar um fim em sua própria vida. Mas questões surgem. Como por exemplo:

- Se um paciente deixar de tomar uma medicação fundamental para que continue vivo, isso poderá ser computado como suicídio?
- E se esta mesma medicação não puder salvar a vida da pessoa, apenas prolongá-la por alguns dias a mais, mesmo que debaixo de sofrimentos diversos? Ainda assim seria suicídio?
- Se a pessoa em questão estiver em tratamento de cancro pulmonar e, contra as ordens médicas, continuar fumando... isto pode ser considerado como um tipo de suicídio?
- Uso de drogas em larga escala, muito acima do razoável (se é que exista um razoável quando falamos de drogas ilícitas)?
- Dirigir bêbado?
- E se a pessoa que está a dirigir bêbada, estiver sob severa depressão?
- Se a pessoa se oferece a morrer no lugar de outra (ato altruísta)?
- Um soldado que sacrifica a sua vida pela sua pátria?
- E quando a não negação de princípios ou fé levam a pessoa à morte (princípios políticos, religiosos ou relativos à sexualidade)?
- Eutanásia e Ortotanásia?

Também a concepção do que seja o suicídio poderá ser apenas uma construção social, que também varia de acordo com esta mesma sociedade, refletindo seu *Zeitgeist* ou momento histórico. Mas como precisamos dar-lhe uma definição, mesmo que conscientes que esta definição não seja definitiva, a definiremos da seguinte forma: “O Suicídio consiste de todos os casos de morte direta ou indiretamente resultantes do ato de uma pessoa consciente das consequências advindas de tal comportamento”.

2.3.1 O Suicídio e o Pecado

Historicamente, geralmente olhamos para a era Vitoriana no final do século XIX como o período no qual qualquer discussão sobre sexo era considerada um ‘tabu’. Em algum lugar do século XX a morte ultrapassou o sexo e passou a ser considerado o grande tabu de nossa cultura ocidental. Mas este tabu não é tão recente. Através dos séculos, seja por razões religiosas ou morais, o suicídio tem sido considerado por muitos como o pior pecado que um ser humano pode cometer. O pecado final, sobre o qual não haveria perdão. Apesar da Igreja Católica possuir posições ambíguas quanto ao tema, não é assim entre os protestantes: as igrejas evangélicas tem uma posição muito mais radical com relação a este tema. Elas consideram todo ato suicida como digno do inferno. A vida seria um dom de Deus, cabendo apenas a ele retirá-la.

Pecado ou não, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, no ano de 2012, 804 mil pessoas morreram devido ao suicídio e esta passa a vitimar, pela primeira vez na história, mais pessoas que as casualidades geradas por todas as guerras e homicídios combinados. Uma pessoa comete suicídio no mundo a cada 40 segundos.

2.3.2 Existe algo que poderíamos chamar de... direito à morte?

Dentro da minha pesquisa, questões foram eventualmente levantadas com relação ao direito à vida e o direito à morte. Um de nossos entrevistados chegou a afirmar que: “se a vida me pertence, a morte também. Se eu tenho o direito a viver, também tenho que ter o direito de não querer mais viver”. Para este jovem (cuja opinião certamente veríamos refletida em vários outros de igual idade), a morte é um processo natural da vida e para estes seria um absurdo que religiões ou o Estado se interferisse no direito inalienável de tomada de decisão (há fatos históricos curiosíssimos, como uma lei vigente na Inglaterra até os finais do século XIX, que punia com pena de morte àquele que havia tentado o suicídio, porém sobrevivido).

Sobre este tema e ao ser provocado, em março deste ano (2020), o Tribunal Constitucional alemão considerou inconstitucional a lei que manteve a penalização do suicídio assistido quando praticado por organizações a tal especificamente dedicadas - a base para tal posição levou em conta que a Constituição alemã consagra o direito da autonomia individual. Tal autonomia individual implicaria um direito incondicional e ilimitado ao suicídio. Passa a ser lícito o auxílio ao suicídio de um jovem que considere que a sua vida perdeu o sentido ou que queria evitar os sofrimentos decorrentes do viver. Alguém que queira deixar de ser um peso para si e para a sua família. O acórdão publicado não faz qualquer referência ao que fazer em casos de distúrbios mentais ou se acompanhamento psicoterápico e medicamentoso poderiam/deveriam ser relevantes nos processos

de autorização. O português Pedro Vaz Patto, que é Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, condena este documento alemão e afirma que esta autorização ao suicídio não defende a liberdade, mas a leva para uma auto-imolação.

2.3.3 Fatores causais

Podemos ver, a partir de vasta literatura à nossa disposição, que há duas principais causas que influenciam na tomada de decisão do suicida:

A) Situação orgânica-psicológica do indivíduo

Alterações neuroquímicas assim como fatores genéticos podem levar a vários problemas mentais, entre eles a esquizofrenia. Pessoas com este distúrbio tem muito mais chances de cometer suicídio. Segundo pesquisa divulgada pela American Psychiatric Press, o percentual de pessoas com esquizofrenia a cometer suicídio seria de 10%. Também de 10% seria o percentual de pessoas com BPD (Borderline Personality Disorder) a cometer suicídio.

B) O Ambiente

Muito já foi escrito sobre a influência do ambiente no doloroso processo que culminaria no ato do suicídio. Mesmo mais de 100 anos depois do seu lançamento, o livro *O Suicídio*, escrito em 1898 por Émile Durkheim, ainda é um dos manuais de pesquisa mais importantes para qualquer um que queria mergulhar neste assunto. Naquele que foi um das grandes e mais completas monografias de sociologia já escritas, ele afirma que 60% dos suicídios acontecem durante a primavera e o verão, durante o dia e geralmente de segunda a quinta-feira. Que os protestantes tem três vezes mais chances de cometer o suicídio quando comparados com os católicos e judeus.

Vários outros estudos nos trazem informações relevantes: este fenômeno é muito mais masculino que feminino (4 homens para cada 1 mulher). Somente em 5 países o número de mulheres a cometer suicídio era maior do que entre os homens. Um homem casado e com filhos teria 2.9 vezes menos chance de cometer suicídios e que, quanto maior a família, menor a quantidade de suicídios.

Ainda segundo Émilie Durkheim, há três afirmações que parecem até hoje serem aceitas pela maioria da Academia:

1. Quanto mais religiosa a pessoa, menor probabilidade de suicídio
2. Quanto mais integrada com suas famílias, menor probabilidade de suicídio

3. Quanto mais integrados com a sociedade, menor a probabilidade de suicídio

Dentre todas as afirmações disponíveis, duas são da maior relevância para este trabalho: até o ano passado, o mais elevado percentual de suicídios estava entre pessoas acima de 70 anos de idade. Hoje em dia, os jovens e adolescentes entre 15 a 24 anos lideram este quadro.

Eu não consideraria conclusivo e esperaria mais pesquisas sobre o tema, mas a imensa maioria das pesquisas parecem mostrar que viver em países ricos aumenta a probabilidade de se cometer suicídio. Entre os países com os números mais elevados, 13 são europeus. Entre os 50 países com menor quantidade de suicídios, apenas um deste continente: a Grécia (dados OMS).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, entre os 172 estados-membros para os quais estimativas de suicídio são publicadas, apenas 60 possuem dados de registro que podem ser considerados totalmente confiáveis. Para os demais 112 estados-membros a própria OMS faz suas estimativas.

3. Conhecendo e Delimitando o Campo

Sabedor de que o fenômeno do suicídio tem aumentado ao redor do mundo entre jovens e adolescentes, sabendo também que o número de mortes autoinflingidas tem aumentado nestas duas últimas décadas e de que entre os gays é de 5 a 6 vezes maior do que entre seus semelhantes heterossexuais da mesma idade (não encontramos estudos que trabalhem estatisticamente a escrutinar os números com o objetivo de perceber se o aumento no número de suicídios foi maior entre o público gay ou entre o público heterossexual) e percebendo a imensa influência do mundo virtual e principalmente das redes sociais neste processo, me lanço a campo para tentar compreender como estas informações se interligam.

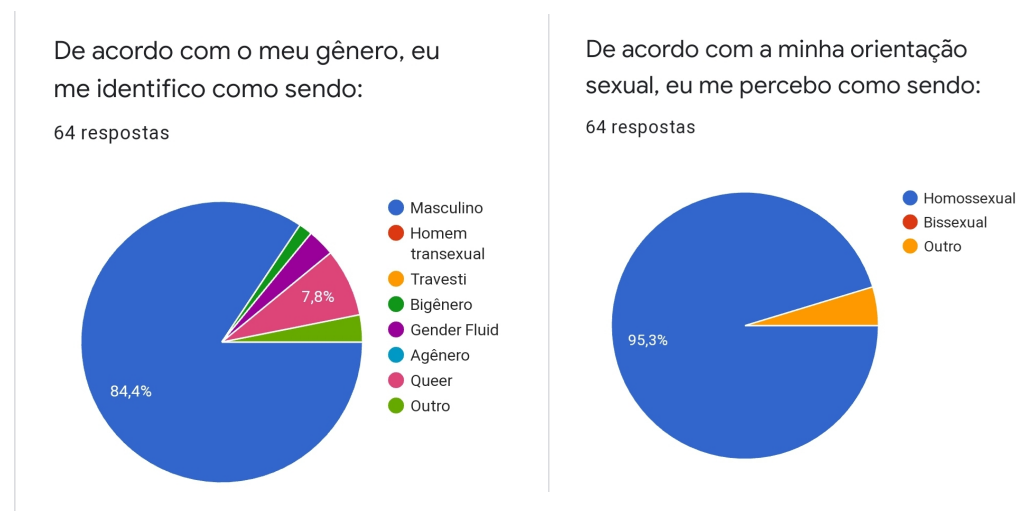
Primeiro passo seria conseguir contactar o maior número possível de gays entre 14 e 25 anos e dentre estes tentar perceber quantos e quais teriam já tentado o suicídio ou que tivessem pensamentos recorrentes sobre o tema. 5 jovens com idade superior a 18 anos seriam selecionados (por motivos legais resolvi não incluir menores de 18 anos na parte principal da pesquisa) e eu passaria a acompanhar suas páginas sociais - postagens e interações, ao mesmo tempo que estaria semanalmente em contato com eles para que conversássemos sobre suas postagens e qualquer coisa que eles julgassem relevante.

Para que eu conseguisse entrar em contacto com estes jovens, no dia 27 de dezembro um questionário foi postado em três páginas do Facebook, que eram seguidas por um número considerável de jovens gays. As paginas escolhidas foram: LDRV - Vale dos Homossexuais (brasileira), Vidas Alternativas (portuguesa) e Opus Diversidades (portuguesa). O questionário (em

anexo) foi respondido por 64 pessoas, e as primeiras questões foram relativas às suas idades, nacionalidade e regiões de origem (se em Portugal).



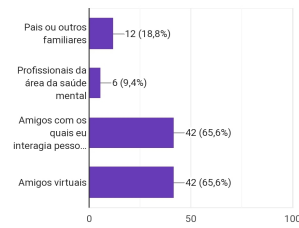
Na sequência, se fez necessário sabermos quais eram suas identidades de gênero e orientação sexual:



A seguir, procuramos perceber qual era a importância dos amigos virtuais durante o processo de aceitação da homossexualidade e a influência da Internet. Os resultados foram mais contundentes do que esperávamos: os amigos virtuais tiveram a mesma importância neste processo do que os amigos com os quais eles interagem pessoalmente. Pais e outros familiares não foram considerados importantes durante este processo de compreensão por mais de 80% dos entrevistados. Mais de 92% afirmaram que a Internet teve alguma ou muita influência neste processo.

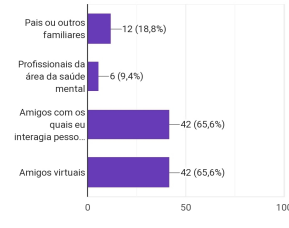
3. Quando eu estava no processo de compreensão e aceitação da minha sexualidade, estas pessoas tiveram papel importante no processo (mais de uma resposta é possível):

64 respostas



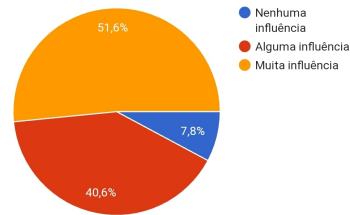
3. Quando eu estava no processo de compreensão e aceitação da minha sexualidade, estas pessoas tiveram papel importante no processo (mais de uma resposta é possível):

64 respostas



5. Eu considero que a internet teve, no meu processo de compreensão e aceitação da sexualidade:

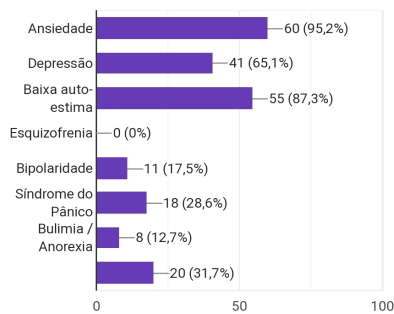
64 respostas



Após percebida a importância da internet no processo de compreensão da própria sexualidade, precisávamos verificar como estava a percepção de cada um no que diz respeito à própria saúde mental.

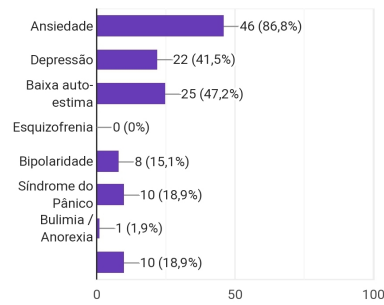
6. Na lista abaixo, eu já tive que lidar com os seguintes problemas:

63 respostas



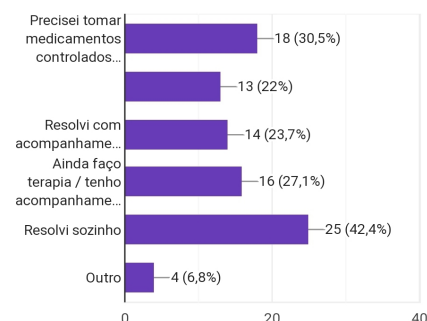
Neste momento, eu estou a lidar com os seguintes problemas:

53 respostas



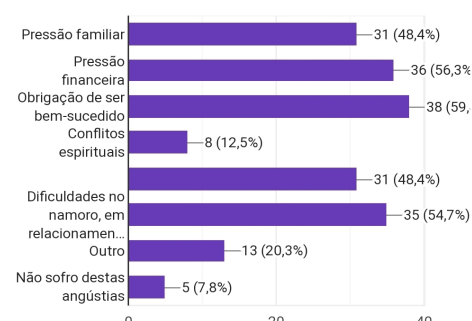
Caso eu tenha passado por alguns destes problemas, para tratá-los:

59 respostas



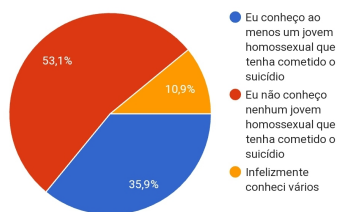
As principais fontes da minha angústia, são:

64 respostas

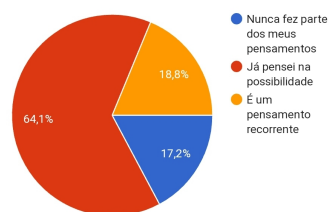


Próximo passo seria percebermos como estes rapazes lidavam com a ideia da morte e quantos destes já haviam pensado em suicídio:

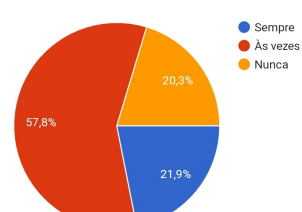
Sobre o suicídio:
64 respostas



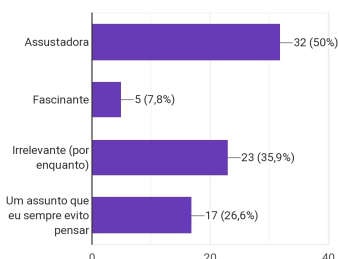
O suicídio:
64 respostas



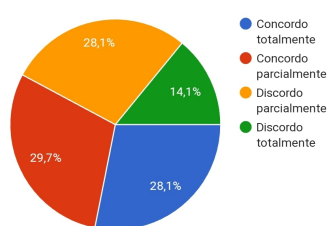
Eu me pergunto se vale a pena continuar vivendo
64 respostas



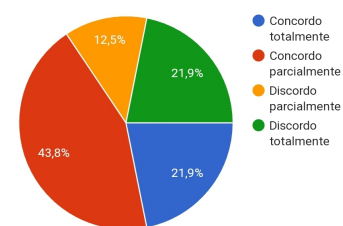
Para mim, a morte é:
64 respostas



"Abreviar a vida é um direito de todos"
64 respostas



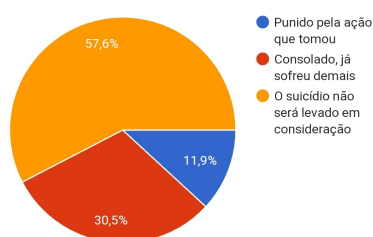
"Às vezes a morte é preferível ao sofrimento"
64 respostas



Para que os jovens pudessem desenvolver melhor a ideia, após a questão acima foi aberto um espaço para que eles pudessem fazer comentários. Dentre os 17 comentários recebidos, um jovem disse que ao deparar com os sofrimento “na maioria das vezes eu preferiria a morte do que sofrer.”

Outro afirmou que apenas não o fez ainda por “sentir-se culpado”. Ainda tivemos a afirmação de que “o suicídio pode ser o antídoto para o sofrimento”.

Se houver vida após a morte, um suicida certamente será:
59 respostas



Com relação ao pós-morte:
64 respostas



Sobre vida após a morte, na hipótese de ela existir, recebemos comentários como os abaixo:

“Qual o sentido de viver pra sofrer? Tirar a própria vida não é razão para "castigo! Se houver uma vida após a morte certamente ela será justa. Se por acaso em algum

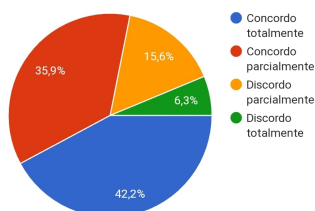
momento eu quis parar de sofrer por causa da vidinha medíocre que eu tinha, claramente meus motivos eram muito mais plausíveis que continuar a viver, uma vez que poucas pessoas realmente se importam com isso. A maior parte das pessoas acham que já tem gente de mais no mundo, e não se incomodam com a ideia de menos um.”

“Acredito que quem se suicida o faz por querer acabar com a dor que não consegue extinguir e não por estar farto de viver. Ele quer viver, só não quer sentir a dor que carrega, a angústia o peso/vazio... E ninguém ao fazê-lo deve ser punido após a morte. Se Deus ou o que lhe quisermos chamar é amor, então ele nunca puniria ninguém por isso.”

Compreendida esta parte que certamente é a mais sensível do trabalho, o questionário segue a procurar perceber qual a relação destes jovens com a internet e redes sociais e como se dá a influência da internet na percepção deles sobre si mesmos.

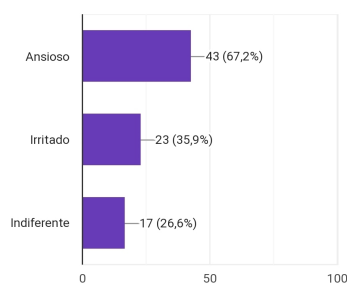
Eu não consigo me desligar da internet

64 respostas



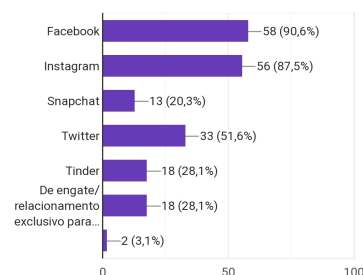
Ficar sem internet me deixa:

64 respostas



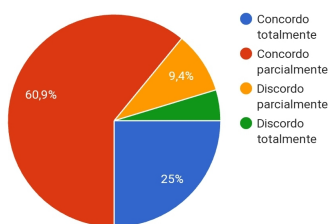
Dos aplicativos abaixo, os que eu tenho perfil ativo, são:

64 respostas



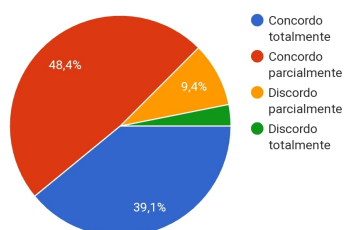
“Para um jovem homossexual, as redes sociais servem como um local de acolhimento”

64 respostas



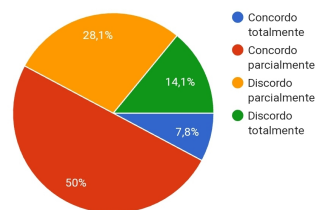
“Para um jovem homossexual, as redes sociais podem ser uma fonte de frustração, ansiedade e stress, podendo causar ou aumentar seus problemas emocionais”

64 respostas



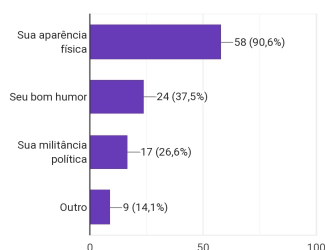
“Os jovens homossexuais, ao usar as redes sociais, aprendem a ser tolerantes e a não julgar ou diminuir o próximo ou a si mesmos devido a sua cor, condição social ou aspecto físico”

64 respostas



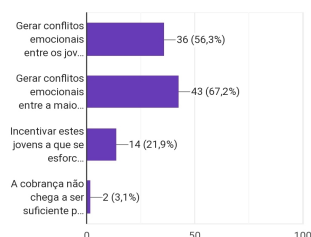
26. Eu diria que a popularidade de um jovem como eu na internet, está diretamente ligada a:

64 respostas



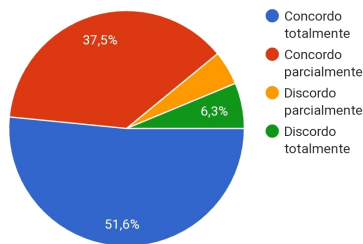
27. A cobrança por encaixar-se em determinados padrões dentro das redes sociais pode:

64 respostas



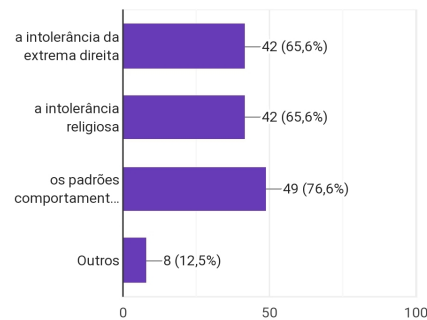
25. “Nas redes sociais, os jovens homossexuais dão exagerado valor à aparência. Existe um exibicionismo explícito”

64 respostas



Eu diria que os jovens homossexuais, através dos seus aplicativos, sofrem mais com:

64 respostas



Foi-lhes aberto um espaço para que falassem sobre intolerância e preconceito na internet, e algumas das afirmações recebidas estão abaixo:

“Há uma cultura de não-aceitação de homossexuais que não pertençam a um standard de beleza. São quase que inibidos de ser quem são ou de pertencer à comunidade.”

“Por vezes existe intolerância para com os mais velhos por se pensar que são feios e sem interesse, com os afeminados porque têm tendências que quem discrimina não quer ver em público, e ainda com os seropositivos porque é logo associado a doença incurável e daí rejeitados.”

“Basta ir a uma app de encontros para o perceber. Já tive uma app dessas e muitos são os que não curtem gordos, efeminados ou pessoas com HIV. Sem falar na objetificação das pessoas transgenero.”

“Preconceito em geral acontece em todos os grupos sociais e muito deles no mundo gay não estão fora, como machismo e racismo, porém gordofobia é gritante e qualquer um que tange a estética, porém ser gordo em um mundo gay ou é assinar sua carta póstuma ou é conviver com iguais que te entende ou estranhos que te feitchetizam.”

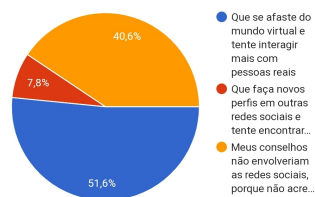
Nas redes sociais, as pessoas tendem a ser:

64 respostas



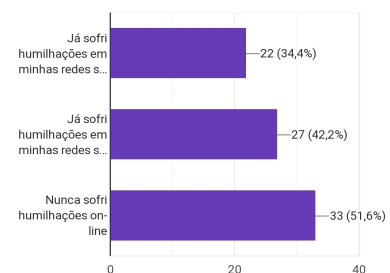
A um jovem que esteja sofrendo com graves problemas emocionais, eu recomendaria:

64 respostas



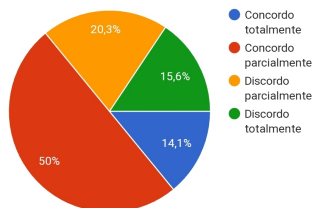
Eu mesmo (mais de uma resposta é possível):

64 respostas



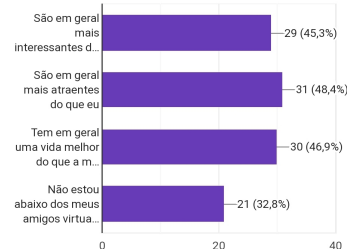
“Eu me considero tão interessante e atraente quanto os meus amigos virtuais”:

64 respostas



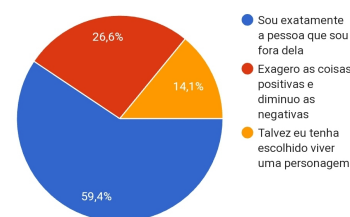
Nas minhas redes sociais, eu sinto que as pessoas:

64 respostas



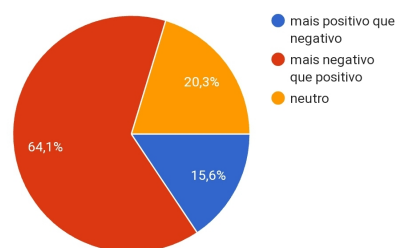
Nas minhas redes sociais, eu posso dizer que eu:

64 respostas



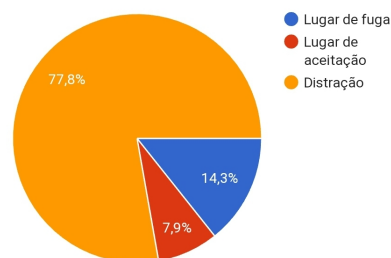
Sobre a saúde mental das pessoas, eu acredito que as redes sociais exercem um papel:

64 respostas



As minhas redes sociais servem, para mim, como:

63 respostas



Para que as pessoas pudessem se expressar mais livremente sobre uma possível correlação entre saúde mental e internet, foi-lhes aberto novamente um espaço para que se expressassem livremente. Algumas dos comentários foram estes:

“As pessoas não devem se apegar na internet, pois as pessoas aqui se sentem totalmente protegidas para falar o que quiser. E quase sempre são coisas ruins.”

“Apesar de passar bastante tempo nas redes sociais, e que isso não me afeta tanto sobre algumas questões e penso que é um lugar bem negativo, mas pra outras pessoas, mais frágeis. A competitividade das coisas é muito alta! A vida é uma grande competição... É uma disputa sem fim, e com as redes sociais muita gente se sente ainda mais cobrada.”

“A internet na vida dos jovens é um agravante para qualquer classe social, porém em termos de aceitação creio que foi um marco para quase todos os gays. Na minha aceitação, pois eu me via como um monstro e só consegui ajuda com um grupo de gays que ajudavam pessoas pelo email.”

3.1 Seleção dos participantes

Questionários entregues, resultados tabulados, cabia-nos selecionar aqueles que

participariam ativamente de nossa pesquisa de campo. Ao final do questionário havia um campo onde as pessoas poderiam deixar-nos seu número de telemóvel ou endereço eletrônico caso quisessem ser contactados e fazerem parte da pesquisa.

Destes 64 rapazes que nos enviaram o formulário preenchido, 21 disseram que gostariam de integrar este grupo de estudo. Destes 21, 11 tinham o perfil desejado (acima de 18 anos, utilizavam internet acima da média e tinham pensamentos recorrentes com relação ao suicídio). Após conversas via email e whatsapp, fechamos o grupo com 5 participantes: Fábio, brasileiro, 22 anos; Gustavo, 22 anos, brasileiro; Leonardo, 24 anos, brasileiro; Natanael, 24 anos, brasileiro e Gabriel, 19 anos, português.

Antes mesmo da primeira entrevista via aplicativo Forum, Gabriel se mostrou bastante incomodado, desconfiado a respeito do propósito real da pesquisa, sua legalidade... exigiu várias referências minhas e inclusive pediu para conversar com meu Orientador. Tanto foi o desconforto que ele gerou que eu escolhi desistir de acompanhá-lo e, infelizmente, acabei com um grupo formado apenas de brasileiros. E este grupo, como veremos a seguir, apesar de ser pequeno e estar a representar uma imensa quantidade de jovens, por ser tão heterogêneo e por vir cada um de uma parte distante do Brasil (São Paulo, Pará, Bahia e Rio Grande do Norte) e por terem situações sócio-econômicas distintas também, me ajudou em minha tentativa de compreender quem são estes meninos, o que pensam e como que esta invasão cibernética afeta a vida de cada um deles.

Antes de iniciarmos os trabalhos, eu encaminhei a cada um deles um texto onde deixava expresso que esta pesquisa não visava em nenhum momento tornar-se um local de terapia e que a solução de conflitos interiores deveriam ser buscados em outro ambiente. Deixado claro que o processo era apenas investigativo e jamais terapêutico, pude começar a trabalhar na fase mais importante deste trabalho.

A partir deste momento, eu me dedicaria a analisar suas postagens em duas redes sociais: Facebook e Instagram. A perceber o teor de suas postagens e como interagem com seus amigos virtuais. Uma reunião particular seria feita com cada um deles para que eu pudesse questionar o porquê de cada uma de suas postagens e deixar o espaço aberto para que pudessem se expressar sobre o que estavam a sentir. Já a partir da primeira reunião individual eu perguntei como eles se sentiriam se fizéssemos as próximas reuniões em grupo com todos os integrantes. Os quatro ficaram empolgadíssimos com a possibilidade de conhecerem os demais participantes e já foi montado um grupo de whatsapp com todos para que a integração pudesse acontecer.

E algo inesperado para mim aconteceu: estes jovens se comunicam mais em pequenos grupos de interesse existentes dentro da internet, não na timeline de seu perfil. Ou seja, um jovem que tenha interesse em jogos, vai procurar foruns / grupos com este tema. Outro que queria ver pornografia, fará o mesmo. Religião, Direitos LGBTI+, engates, cosplays, de profissões específicas,

etc. É nestes ambientes, e não nas suas páginas do Facebook ou ainda menos no Instagram, que eles se relacionam.

Eles se juntam nestes pequenos grupos - às vezes dezenas, às vezes milhares - e ali interagem. Por serem pessoas que possuem visão do mundo e interesses semelhantes, sua imagem e opinião tende a estar mais protegida de 'haters' ou 'bullying'. A sua página principal (a que podemos visualizar) acaba sendo apenas um local de divulgação de fotos pessoais, memes ou compartilhamento de posições políticas e/ou artísticas (veremos como isso funciona a seguir). E o inesperado foi que este pequeno grupo de whatsapp que criamos com a ideia de ser apenas espaço para informar as datas e horários das próximas reuniões, com os 4 integrantes e eu, se tornou um microcosmos deste ambiente que eu estava a estudar. Tínhamos todos algo em comum ali - participávamos de um grupo de estudos em Antropologia. Todos - exceto eu - tinham a mesma idade e éramos todos gays. O microcosmos perfeito foi criado sem que eu tivesse premeditado ou planejado. E a interação entre eles, algumas vezes com minha participação, muitas vezes apenas entre eles, passou a acontecer. E pude perceber como eles utilizam o ambiente para se comunicar, apoiar e, acima de tudo, se divertir.

O estudo completo compreende a entrega e análise de outros dois questionários, 55 dias de acompanhamento de atuação destes meninos em suas redes sociais, 1 reunião individual com cada um dos participantes + 7 reuniões em grupo e várias e várias horas de interações - aparentemente irrelevante - no whatsapp.

3.1.1 Perfil do Participante 01 - Natanael

Retraído, prefere ficar calado a correr o risco de ser mal interpretado ou percebido como não inteligente. Evita situações que o coloquem no foco de outros. Nem sempre fácil de compreender o que diz, se mostra sensível e, mesmo com sua aparência às vezes dura, é frágil. Dos quatro integrantes do grupo, é com ele que eu me preocuparia mais, por perceber que ele não sabe como pedir ajuda.

Não considera que a internet tenha tido influência relevante durante o seu processo de compreensão e aceitação da sexualidade. Alega já ter tido que lutar contra a ansiedade, depressão, baixa auto-estima, bulimia e anorexia. Neste momento a sua luta seria contra a ansiedade, depressão e baixa auto-estima. Sua dor e sentir que não possui amigos. Diz criar paranóias com relação a sentir-se excluído por eles, o que acaba gerando ansiedade.

Após problemas no trabalho passou a ir a um psicólogo, o qual lhe encaminhou a um psiquiatra. Se desesperou por julgar que estavam achando que ele era louco e preferiu largar o emprego e deixou de ir às sessões com o psicólogo. Está ciente que esta foi a pior decisão que

poderia ter tomado à época. Hoje lida com seus problemas emocionais sozinho.

Seu ex-namorado cometeu o suicídio e o suicídio é um pensamento recorrente. Pressão familiar, pressão financeira, o fato de que não se sente amado ou relevante para as pessoas são as fontes de sua angústia.

Quando eu pedi para que ele explicasse melhor esta afirmação, ele respondeu:

“Já pensei em morrer. O modo como sou tratado por pessoas que prezo, o modo como sou tratado por pessoas que não conheço, o modo como os problemas me perseguem, a culpa de magoar alguém que gosto, o abandono que sofro, ai ai ai...”

Alega já ter sofrido humilhações na internet por causa de sua aparência e também por causa de sua sexualidade. Considera as pessoas que estão na internet mais interessantes e atraentes que ele e que eles tem uma vida melhor que a sua. Para ele, o mundo está baseado no que é belo, no que é visualmente bem-vindo - caso você não se encaixe neste padrão, as pessoas não tem interesse em se aproximar de você.

Apesar de dizer ser indiferente com relação à internet (que pode ficar sem ela facilmente), está mais que 5 horas por dia conectado.

3.1.2 Perfil do Participante 02: Leonardo

Feições atraentes, corpo dentro do que pode ser considerado padrão, rosto que aparece quase que diariamente na televisão.... em uma primeira análise Leonardo não parece estar dentro do perfil que procurávamos para esta pesquisa. Mas a cobrança para que seja bem-sucedido e a dificuldade de lidar com situações que estejam fora do seu controle, fizeram de Leonardo uma excelente contribuição para este estudo.

Para ele, a internet teve imensa influência em seu processo de compreensão e aceitação de sua sexualidade. Diz que aos 12 ou 13 anos começou a questionar a sua sexualidade e este processo teria sido muito estressante, o que se estendeu até os seus 16 anos. A pornografia digital fez com ele percebesse quais eram suas verdadeiras inclinações e qual o tipo de relação que ele gostaria de viver no mundo real.

Disse já ter tido que lidar com ansiedade, depressão e baixa auto-estima, mas que no momento o seu problema é com a ansiedade. Faz uso de medicação controlada (Citalopram e Rivotril).

Leonardo tentou se matar há 2 anos, mesmo a morte sendo para ele ser um assunto assustador. Pesa para ele o medo de perder as pessoas e a preocupação com a imagem deixada.

O fato de não poder participar ativamente da sociedade em seus ritos por ser gay (casamento, jantares empresariais com cônjuges, etc) é para ele uma imensa fonte de angústia. Há

uma clara cobrança interna com relação a como os outros o veem e o que pensam a seu respeito. Sua lista de fontes de angústia é larga: queixa-se de pressão familiar, pressão financeira, obrigação de ser bem-sucedido, conflitos espirituais, não se sentir amado, não se sentir importante ou relevante, dificuldades no namoro, dificuldades em relacionamentos, etc.

Sobre a internet, confessa que não consegue se desligar dela (conectado entre 7 ou 8 horas diárias). Para ele, este é um ambiente onde as pessoas são mais cruéis, mas diz que nunca sofreu humilhações dentro da rede.

Apesar de Leonardo ser um rapaz bonito e profissionalmente caminhando para ser bem-sucedido (já é formado jornalista e trabalha para um canal de televisão local), ele afirma que as pessoas na internet são mais interessantes que ele, mais atraentes e que estas vivem uma vida melhor do que a sua. Ao conversar com ele percebo que ele segue vários influencers e talvez esta seja o porquê desta sua resposta.

Quando questionado se os jovens homossexuais dão muita importância para as redes sociais e o porquê, ele respondeu assim:

“Os jovens homossexuais crescem, na minha opinião, em sua grande maioria, de forma isolada por serem diferentes e isso faz com que se desenvolvam sem conseguir pertencer de maneira genuína a um grupo. Quando isso acontece, de serem acolhidos, muitas vezes é porque se demonstram de uma forma que seja mais fácil acontecer a aceitação social, mesmo que não condizente com aquilo que sentem (indo de encontro com estereótipos já montados, como o menino que gosta de futebol, jogos de video-game, luta e etc). Ainda que não sejam esses os pontos que mais causem atração, podem começar a abordar os temas para se enquadrar na massa. Com o passar dos anos e depois da autoaceitação, buscam no mundo virtual local para encontrar seus pares e de forma mensurável (números de curtidas, seguidores e etc) criada uma busca incessante para fazer parte de determinado nicho ou grupo. Ainda, há aquele sentimento de comprovar que hoje é alguém popular mesmo depois de todo o isolamento que passou quando mais jovem.”

3.1.3 Perfil do Participante 03: Gustavo

Muito inteligente, ágil no discurso e com opinião sobre qualquer tema, é fácil e prazeroso conversar com ele - coisa que poderia ser entendida de maneira oposta se analisado superficialmente pelo seu visual. Gustavo tem sobrepeso, cabelos muito longos cacheados e parece ser um fã de heavy-metal ou um Geek ou Otaku (o que se mostrou parcialmente verdadeiro). O que não se percebe à primeira vista é sua agilidade mental e lucidez.

Assim como Leonardo, também considera que a internet teve grande influência no processo de compreensão e aceitação da própria sexualidade. Disse lembrar de ter sua sexualidade questionada pelos familiares desde os seus 6 anos de idade. Foi dentro da internet que ele passou a entender o que significava ser gay e, por volta dos 15 anos, passou a acessar blogs e ler conversas

de outros gays. Percebeu que era um deles.

Já teve que lutar contra a ansiedade e baixa-autoestima. Hoje em dia tenta controlar sozinho a sua ansiedade. Disse conhecer vários gays que já cometeram suicídio e que já pensou nesta possibilidade. Disse ter medo de morrer, não por medo da morte, mas porque isso traria sofrimento àqueles que ficariam vivos. Considera que abreviar o seu tempo de vida é um direito só dele e não acredita em vida pós-morte.

Afirma não conseguir se desligar da internet, mas considera que para um jovem gay, as redes sociais podem ser uma fonte de frustração, ansiedade e stress. Para ele, a popularidade na internet está diretamente ligada à aparência física da pessoa.

Dentro da internet, disse já ter sofrido humilhações devido à sua aparência física e também devido à sua sexualidade. Ele disse ser obeso e sobre isto também falou:

“Preconceito em geral acontece em todos os grupos sociais e muito deles no mundo gay não estão fora, como machismo e racismo, porém gordofobia é gritante e qualquer um que tange a estética, porém ser gordo em um mundo gay ou é assinar sua carta póstuma.”

Considera que seus amigos virtuais são muito mais interessantes e atraentes do que ele. Disse usar as redes sociais para distrair-se mas revelou ficar ansioso na falta dela (usa entre 3 a 5 horas por dia).

Ao falar do Facebook, ressaltou que é neste ambiente que ele marca seus amigos em memes e piadas, milita e participa de discussões, mas que o lado negativo dela é a superficialidade dos fatos e como as pessoas te vêem e a competitividade e perfeição que, segundo ele, impregnam a todos e acaba influenciando que os outros (ele, incluso) façam o mesmo.

Mas parece ser um defensor da internet. Quando perguntado sobre a importância das redes sociais para os gays, ele respondeu:

“Na maioria dos casos não temos um lugar onde nós sentimos seguros, nem na família, na escola, no trabalho ou faculdade demoramos sobretudo na adolescência achar um lugar no qual fazemos parte na internet sempre tem pessoas que passam o mesmo que nós, nas redes sociais eu sinto que eu pertença a alguma coisa. Que eu sou alguma coisa. E sentir que vc existe é muito bom, quando vc passa anos sendo invisível e não sabe quem vc realmente é.”

Ao ser questionado o que quis dizer com 'pertencer a alguma coisa', sua resposta foi um pouco confusa e não direta ao ponto, mas ficou claro para mim que ele se sentia invisível no 'mundo real', mas que o meio digital lhe dava a sensação de pertencimento. Ali ele deixava de ser invisível.

Sobre seus pensamentos suicidas, ele resalta uma situação que aconteceu com ele alguns anos atrás e que parece ter-lhe marcado para sempre. Foi quando ele se assumiu para sua família. Houve muita discussão e briga e o fato do pai dele ser alcoólatra, só fizeram a situação ainda mais

traumática. Gustavo ficou com medo de que o pai o machucasse, mas o resultado foi ainda pior: ouviu seus pais chorando no quarto. Segundo ele, perceber que os pais choravam porque ele era o que ele era e ouvir deles frases tais como: “eu preferia que você fosse um viciado ou drogado, porque pelo menos para estas coisas há cura”, segundo ele, não ajudaram em nada.

Gustavo não tinha amigos a quem recorrer e não tinha como conseguir ajuda profissional (precisaria do apoio financeiro dos pais para isso) e também tinha vergonha de si mesmo, acabou encontrando pela internet um grupo GLS que possuía um blog na internet. Escreveu para eles e passaram a se comunicar. Este diálogo ajudou muito para que ele se percebesse gay e para que percebesse também que não estava sózinho no mundo.

Para ele, as pessoas podem se expor demasiadamente nas redes sociais, mas seria por causa da solidão ou por não terem com quem falar sobre o assunto no mundo real. Às vezes usam estas redes sociais como uma súplica, um último recurso. Para Gustavo o ser humano é essencialmente social, precisa encontrar semelhantes e pares - sentir parte de um grupo é fundamental. E as redes sociais podem ajudar nisso.

3.1.4 O perfil do participante 04: Fábio

Cara de criança, poucos diriam que já é estudante universitário (faz Letras - Português). Divertido. Cheio de trejeitos e frases de efeito. Quando utiliza a internet, metade de suas frases ou são memes engraçados ou terminam com um deles. Também à primeira vista Fábio não parece possuir o perfil adequado para esta pesquisa, mas infelizmente não é bem assim.

Considera que a internet teve alguma influência em seu processo de compreensão e aceitação de sua própria sexualidade, já lidou com ansiedade, depressão e baixa auto-estima. Hoje luta ainda contra a depressão e a baixa auto-estima.

Ele disse que sofre de depressão, mas na verdade, não me pareceu compreender o real significado desta palavra. Quando pedi para que ele explicasse o que sente e porque pensa que tem depressão, ele me respondeu que sente-se vazio, que falta algo. Que não sabe lidar com frustrações e rejeições. Disse ser um pouco ansioso. Para ele, ansiedade tem a ver com medo do futuro.

Foi ao psicólogo 2 anos atrás e fez 5 ou 6 sessões. Disse que estava deprimido por causa do término de um namoro. Disse também que as reuniões não foram proveitosas porque ele não conseguia confiar no psicólogo. Ele diz ser difícil falar sobre si mesmo e que quando está triste ou deprimido, que se afasta de tudo e de todos.

Hoje diz lidar com seus problemas emocionais sozinho. E não são poucas as fontes de suas angústias. Segundo ele, estas fontes seriam: pressão familiar, pressão financeira, obrigação de ser bem-sucedido, não se sentir amado, importante ou relevante, ter dificuldades com namoros e com

relacionamentos em geral.

Disse conhecer vários gays que se suicidaram e que ele mesmo já havia pensado na possibilidade. Não acredita em vida pós-morte, mas considera a morte assustadora, mesmo assim.

Sobre o que o teria levado a pensar em suicídio, alegou que não conseguia criar ‘um lugar’ como ele idealizava: seja trabalho, relacionamento, família. Se dizia incapaz por não conseguir conquistar as coisas que ele havia planejado.

Sobre as redes sociais, também acha que a popularidade de uma pessoa está diretamente ligada à sua aparência física. Nestas redes sociais as pessoas tendem a ser mais cruéis do que no mundo real. Afirma já ter sofrido humilhações nestes ambientes tanto pela sua aparência quanto pela sua sexualidade.

Afirma que desligar-se da internet é algo que consegue fazer sem problema, mas ao mesmo tempo diz ficar conectado entre 3 a 5 horas e que fica ansioso quando está sem internet. Em seu entender, em suas redes sociais as pessoas são mais interessantes que ele e possuem uma vida melhor do que a sua. Acha que pode estar vivendo uma personagem na internet. Disse que às vezes certas postagens feitas no Facebook fazem com que ele pense em coisas ruins. Ao questioná-lo quais seriam estas coisas ruins, ele disse que a felicidade dos outros o incomodava. Disse também que os jovens gays procuram tanto a perfeição que acabam enlouquecendo.

Sobre esta felicidade dos outros, é o que também o incomoda no Instagram. Ele diz:

“O lado positivo do Instagram é que você ver pessoas felizes e reunidas, bebendo, se divertindo e o lado negativo do Instagram é que às vezes você pensa em qual é o seu lugar ali e faz você pensar se é isso mesmo que estar vivendo ou não.”

Para ele, muitos jovens usam as redes sociais imaginando que são locais de acolhimento, procurando um espaço para si, mas ao final se deparam com uma realidade muito diferente daquela que buscavam.

4. Interação em Grupo

Tive, então, 7 encontros com cada um. Uma única vez em particular e as outras seis vezes em grupo. Geralmente eu já entrava nesta reunião com questões na cabeça às quais eu utilizava apenas para iniciar a conversa. Cada encontro era programado para durar 45 minutos, mas não houve uma vez sequer que terminou dentro do prazo. Sempre entre 75 e 90 minutos.

Transcreverei a seguir algumas discussões por tópico, para que percebamos melhor como se forma o pensamento destes rapazes.

4.1. Experiência Individual com o Suicídio

Em relação aos pensamentos a respeito do suicídio que eles já tiveram, suas histórias são conforme seguem-se abaixo:

Leonardo:

“Eu tive um surto psicótico e fui parar em um hospital. Acordei com dificuldades para lembrar tudo o que havia acontecido. No hospital eu percebi que tinha que tomar uma atitude para que aquilo não acontecesse novamente.

Eu perdi totalmente o controle de mim e tive horror de lembrar que perdi esse controle. Eu já havia tido surtos agressivos, mas minha agressividade era sempre dirigida a outros, não contra mim mesmo.

O que me levou a isso foram problemas com meus pais.... e faz cerca de 3 anos que não tenho contato com meu pai. Eu não conseguia aceitar a forma como eles estavam se separando.

A medicação e terapia me ajudaram a não pensar nisso novamente. Tive que entender que não temos o controle total de nossas vidas e que as coisas vão acontecer nem sempre da forma como projetamos. Não vou viver em uma família integrada, não vou almoçar com meus pais velhinhos no final de semana... mas é com a vida é. Tenho que aceitar.

Eu gosto de falar sobre isso porque gosto de pensar na ideia de que isso pode vir a ajudar aos outros. Eu acredito no poder da ciência e do conhecimento.”

Guilherme:

“O meu pai é a razão principal dos meus problemas. Ele é narcisita e controlador. Ele era alcoólatra e batia na minha mãe. Fazia bullying com todos nós na casa, nos acordava no meio da noite para fazer um discurso de quanto ele era vítima. Nos fazia sentir que éramos culpados por todos os problemas dele. Minhas duas irmãs nasceram com problemas físicos, o que fazia de mim o filho 'normal'. Deixei de ser 'normal' a partir do momento que me descobri gay. Não era nem normal, nem saudável. Eu era diferente de tudo o que meu pai almejava... nem gostar de futebol, eu gostava. Me tornei o filho errado, e isso era um peso para mim.

No dia que meu pai soube, ele gritou muito, quebrou coisas na casa. Eu me senti muito culpado. Sentia raiva de mim mesmo por fazer meus pais sofrerem.

Pensar em morrer, pensei algumas vezes., mas nunca em cometer suicídio. Minha mãe e

minhas irmãs precisam de mim, então eu nunca poderia pensar em uma coisa destas. Minha função é proteger minhas irmãs do meu pai.

A relação que tenho com meu pai ainda é abusiva. Eu tenho dificuldades para explicar, mas... ao mesmo tempo que eu o odio, ele é a pessoa que eu mais amo no mundo.

Uma vez meu pai me agarrou pelo pescoço (isso foi umas duas semanas depois de eu me assumir) e disse: 'se você me desonrar', eu te mato!'. E na verdade eu me senti culpado por estar fazendo-lhe sofrer.

Hoje eu não moro mais com meu pai, então não tenho mais sentimentos depressivos ou de morte."

Fábio:

"Eu penso muito no futuro, no que vai acontecer comigo nas questões emocional e profissional. Me cobro já por não ter chegado aonde eu havia planejado.

Nunca tentei o suicídio por causa da minha mãe. Quando eu fiz 18 anos foi o momento que a pressão por ter que alcançar alguma coisa foi mais difícil.

As minhas relações que nunca davam certo eu sempre tomava como resultado de alguma falha minha, a culpa era minha.

Eu não gosto de pedir ajuda, não quero que ninguém saiba de mim e que ninguém tenha motivos para falar de mim.

Uma vez eu estava na rua com minha mãe. Ela já sabia que eu era gay. E ela apontou para uma travesti que fazia programa na rua e disse: 'é isso que você vai ser se não estudar!'"

Natanael:

"Eu morava sozinho em uma cidade do interior, como eu morava perto da minha avó, fazia as refeições com ela. Eu era muito sozinho e não entendia minha sexualidade. Quando eu era mais novo, tinha 14 ou 15 anos, fiz meu primeiro amigo gay, mas meus pais eram muito preconceituosos e eu cresci aprendendo que ser gay era muito errado, algo ruim, que quem era assim acabava com o legado da família. E começaram as fofocas... porque eu tinha um amigo gay, as pessoas da minha cidade começaram a falar que eu também era gay, mas eu negava. Dizia que era hetero.

E em um momento de muito stress por causa das cobranças e das fofocas das pessoas que eu tentei me matar pela primeira vez. Cheguei a me machucar, mas uma vizinha viu o que estava acontecendo e arrancou a faca da minha mão.

Com tudo isso, perdi meu único amigo. Passei a ficar cada vez mais recluso, já não queria mais sair de dentro de casa, me afastei de todos. Inclusive da minha mãe, que era a única razão que eu tinha para continuar vivo.

Aos 16 anos eu saí daquela cidade pequena e vim para a capital. Faz 6 anos que estou aqui e detesto toda vez que, por algum motivo, eu preciso voltar lá. E, mesmo que eu não morasse com minha mãe, eu a via a cada 15 dias. E saber nestes tempos que ela tem estado solitária, me faz sentir culpa.

Houve um segundo momento quando eu cheguei a me preparar para o suicídio. Eu ia saltar da principal ponte da cidade. Cheguei a ir até lá e observar. No fundo eu ainda não estava decidido. Acabei voltando para casa.

Eu me sinto culpado de tudo, me sinto errado, sujo, criminoso. É muito importante para mim o que as pessoas pensam a meu respeito. Essa pressão me tira a paz. Se eu falo algo errado, que chateia alguém... pronto! Eu não vou esquecer aquilo e vou passar a me culpar. Isso se torna uma coisa enorme para mim.

Eu penso... se eu não for algo de bom para alguém, para quê continuar vivo? Estes pensamentos me tiram o sono. Tudo o que eu quero é dormir e não acordar mais. A principal razão que me impede de cometer o suicídio é minha mãe. Ela não merece mais uma dor destas. Eu sou filho único, já acabei com as esperanças dela de um dia ser avó....”

4.2 Suicídio dentro da Comunidade Gay

Alguns dos seus comentários ao falarmos sobre suicídio entre jovens gays:

Guilherme:

“Talvez o número de gays que morram não seja tão maior se compararmos com décadas anteriores. A diferença pode estar no fato de que mais pessoas são contadas como LGBTI nos dias de hoje, inflando as estatísticas. Antigamente já morriam LGBTIs, mas não eram contados como tal, porque ninguém sabia que o que eles eram por dentro.

Vivemos em uma sociedade imediatista. E nós gays temos um problema a mais, que é tentar ser como os outros são. Mas isso é impossível! Meu pai me disse que preferia que eu fosse um drogado ou ladrão, porque isso ele poderia me ajudar a mudar...

Os jovens hoje vivem cheios de cobranças. Tem que escolher muito cedo a carreira que deverão seguir para a vida toda. Com 17 anos você ainda não sabe o que quer fazer!

Antigamente as pessoas casavam cedo e davam ali uma direção para sua vida toda. Hoje as pessoas casam mais tarde, mas é falso assumir que pelo fato de não estarmos casados, estejamos aproveitando melhor a vida.

A morte é apenas uma fuga. Ao desejar a morte a pessoa está a pensar apenas em por um fim, um ponto final no que está vivendo. E viver ou morrer é um direito meu. Ninguém pode me

dizer o que fazer. A decisão de viver ou morrer é apenas minha! Ninguém pode proibir ninguém de nada. Quer fazer algo? Converse. Proibir não adianta.”

Leonardo:

“Os jovens de hoje recebem mais cobranças do que antigamente. Eles são obrigados a serem mais independentes, a terem metas.

Tudo bem que você tem mais liberdade hoje em dia... mas será cobrado por isso. E não devemos nos esquecer que os que mais se matam são os que são mais rejeitados por nós mesmos: os negros, os gordos, os pobres. Não podemos esquecer da força das comparações.

Os jovens gays nasceram com anos de atraso em comparação aos outros. Porque em um certo momento da vida eles tem que refazer tudo, recomeçar suas vidas. Heteros não passam por isso. Os traumas todos que vivemos potencializam os vazios. As pessoas tem vazios. Quando eu tentei me matar foi porque a construção social - no meu caso, minha família - não era aquilo que eu queria. Mas não estou validando o suicídio. Não vejo uma justificativa válida para isso mais.”

(ao ser abordado por Guilherme, que defende o direito à escolha de viver ou morrer, Leonardo responde)

“A questão não é o direito de morrer, é se a pessoa que quer cometer o suicídio está em suas condições perfeitas. Quero dizer... será que ela pode, naquele momento, responder pelos seus atos? Teve um caso de um rapaz que conheci. Ele tinha 24 anos quando se matou. Se jogou de um prédio. Pelo que eu soube, ele morreu por causa da homofobia dos pais que não aceitavam o seu namoro com outro menino. Será que ele tinha estrutura emocional para decidir viver ou morrer? Bem... aquele caso teve um resultado positivo, já que os pais dele passaram a agir em campanha anti-bullying.”

Fábio:

“Há mais cobrança para que sejamos bem sucedidos profissionalmente. Os jovens ficam sufocados! Em muitos casos, acabam procurando auxílio, mas quando já é tarde demais.

Como tudo é imediato, os jovens sofrem mais ansiedade porque para eles tudo é mais intenso. Tudo está à flor da pele.

Para mim, outra coisa que parece ser relevante é que as pessoas vivem mais em apartamentos. Viver em apartamentos aumenta a solidão. As pessoas interagem menos. As pessoas vivem em um completo vazio.”

(interrompe Leonardo quando este contava a história de um conhecido seu que havia cometido o suicídio para contar um caso de um jovem gay de 18 anos, conhecido seu, que se matou. Ele havia acabado de passar em medicina. Um caso para mostrar que nem apenas negros, gordos e pobres procuram o suicídio. Ele foi questionado pelos outros meninos a razão disto ter acontecido, mas ele disse que não tinha a menor ideia).

Natanael:

(ao interagir com Leonardo, que afirmara que jovens gays teriam hoje maior liberdade)

“Vivemos com rótulos... como devemos agir, como devemos nos vestir, nossa aparência... Temos mais liberdade de decidir o que fazer de nossas vidas, mas isto nos traz mais cobrança para sermos bonitos e bem sucedidos. E assim o vazio é criado. Passamos por frustrações, idealizações, perdas... isso gera o tal vazio.

Sobre a morte... ela parece apenas dormir. E a pessoa pensa... porque não dormir para sempre?”

(ao interagir com Guilherme, que afirmara que o melhor seria conversar e não proibir o suicida de tomar atitudes, Natanael conta o caso do seu ex-namorado que se matou, também se jogando de um prédio)

“Eu não sabia lidar com o meu namorado, que tinha impulsos suicidas. Eu chegava a acreditar que, de alguma forma, a culpa era minha. Eu não sabia lidar com a situação.”

4.3 Relação com as Redes Sociais

Guilherme:

“Para mim, as minhas redes sociais serviram como local de refúgio, eu procurei e encontrei nela pessoas com as quais eu consegui me identificar. Sofri algum bullying, mas ignorei. Minha experiência com internet não foi algo ruim. O mais importante é que conheci ali pessoas iguais a mim.

Eu entrei em grupos específicos de interesse dentro do Facebook – grupos de gays, que apenas gays participavam. E descobri que havia muitos outros 'diferentes' iguais a mim. Uma outra ferramenta que eu usava e que me ajudou a me descobrir foi o Tumblr. Lá eles postam fotos, algumas com algum tipo de nudez, de relação entre homens. Eu percebi que aquilo que eu gostava era normal para outros.”

Ao ser interrompido por Leonardo, para quem a internet teve influência negativa, ele respondeu:

“Mas é porque a internet apenas amplifica os problemas que já existem. Quem tem uma vida resolvida, a internet não vai ser influência negativa.

A internet é algo novo. Às vezes a gente romantiza e esquece que a vida dos LGBTI sempre foi horrível. O que a internet faz é só amplificar os problemas que já existem faz séculos dentro da sociedade. A internet não é a causa dos problemas, ela só dá mais voz àqueles que já existem.”

Leonardo:

“Se eu pensar rápido, eu diria que a Internet não teve relevância no processo que me levou à tentativa de suicídio. Mas se eu prestar atenção, vou perceber que a internet teve alguma participação negativa nisso tudo, porque eu via nela projeções de coisas que eu jamais teria... pessoas perfeitas, com famílias perfeitas.... almoços de família com todo mundo feliz. Coisas que eu nunca tive. Na hora que eu tentei me matar, claro que não pensei nisso...

O suicídio é o último passo, mas a Internet às vezes é o caminho. Eu sei que ninguém precisa postar seus problemas, ninguém tem essa obrigação.... mas eu assumo que a internet teve um efeito negativo em mim.”

Leonardo reage a um comentário de Fábio, que afirma que as vidas maravilhosas postadas por pessoas na internet lhe fazem mal:

“A gente tem um tipo de inveja, admiração. A gente passa a consumir uma pessoa, a rotina dela... Não chega a ser um problema, mas o que a gente vê ali não é a verdade absoluta. Hoje eu não teria tido as mesmas atitudes. Eu teria procurado me cercar de pessoas que me ajudassem. A gente não lembra, mas aquelas pessoas 'perfeitas' também tem problemas. A internet só potencializa o que acontece, e isso é preocupante. Porque a internet é cada vez mais importante e passa a ter cada vez mais espaço e a ocupar cada vez mais o tempo das pessoas. Mas uma coisa que me faz ainda mal é ver postagens sobre suicídio. Coisas assim, mesmo referências a filmes, me fazem sentir-me mal.”

E este seu comentário repercutiu entre os demais presentes e todos concordaram com ele. Consenso entre eles que filmes e séries que abordam o tema 'suicídio' podem ser bastante perigosos – quem assiste corre o risco de se identificar com quem morreu e até concordar que aquela foi uma atitude correta – citaram as séries '13 Reasons Why' e 'Control Z'.

Fábio:

“Quando eu não conseguia algo, quando eu me sentia frustrado com minha aparência, eu ia para a internet. E ficava horas olhando a vida dos outros no Instagram e acaba me sentindo pior.

O que eu queria? Talvez dar um tempo da minha vida. Era triste ter que voltar para a minha realidade. Era a minha fuga. Faço isso até hoje. Olho para estas pessoas maravilhosas e penso: porque não eu?”

Natanael:

“Quando eu estava mal, eu não procurava ninguém. Não conversava com ninguém. O Facebook me ajudou muito a pensar. A me inteirar sobre o mundo. Eu me construo e me desconstruo em cima do que vejo no Facebook. Já o Instagram eu só uso mesmo para ver vídeos de música e às vezes histórias das pessoas.

Até hoje, se vejo postagens e vídeos que tratam sobre suicídio me sinto muito desconfortável.”

Mais uma das surpresas foi ver como estas reuniões se tornaram atraentes para eles. Modificavam seus planos, apressavam-se à saída do trabalho para certificarem-se de que estariam todos no horário marcado. Eu passei a ser cobrado por eles caso, por quaisquer que fossem os motivos, eu cancelasse um encontro. O objetivo nunca foi terapêutico e nunca foi aberto espaço para aconselhamento, mas se tornou um pequeno espaço de acolhimento e talvez de auto-descoberta. Creio genuinamente que o fato de poderem conversar abertamente com outros rapazes que já haviam passado pelo que eles passaram, pode ter permitido que tratassem assuntos dolorosos com leveza e sem medo de julgamento.

Tive o cuidado de trabalhar sempre no tempo passado ao me referir às pulsões suicidas, retirando deles o peso de ter que lidar como momento atual. É mais fácil falar de um momento perdido no passado do que tentar explicar o momento atual, o qual lhes exporia fragilidades e o ambiente proposto não tinha isto como objetivo. Ao retirar deles a necessidade de expor e explicar os sentimentos presentes, permitimos a estes jovens que se sentissem livres e libertos, como se já tivessem vencido o problema, ao serem apenas instigados a olhar ao passado para falar dele (o que não é necessariamente verdade - ao menos Natanael parece ainda carregar questões emocionais pendentes, as quais não deveriam ser subestimadas).

5. Observação das Atividades On-Line

Dentre os dias 01 de março e 25 de abril, detive-me a analisar as postagens destes quatro rapazes em suas páginas nas redes sociais Facebook e Instagram. As postagens foram divididas em

cinco grupos: política e economia, diversão, religião, pessoal ou outros. E dependendo da abordagem, pode ser considerada como positiva, negativa ou neutra. O resultado está a seguir.

5.1 O mundo alegre de Fábio

Quem vê a timeline de Fábio irá certamente se surpreender com duas coisas: a primeira é sua produtividade - foram 115 postagens durante este período. A segunda coisa, se surpreenderia com o teor de suas postagens - destas 115 postagens, 100 possuíam teor cômico e apenas 1 era pessoal (onde mencionou sua dificuldade em reconhecer erros e dizer que ama). 10 destas postagens debochavam da religião evangélica (o que se explica pela sua raiz evangélica). No total das postagens, 96 foram consideradas positivas.

Quanto ao Instagram, apenas uma postagem durante o período acompanhado. Uma foto pessoal.

Existe uma dualidade, uma discrepância na imagem que podemos perceber em Fábio. Se por um lado ele é tão alegre e vibrante em suas redes sociais, quando questionado sobre sua vida e seus sentimentos, não é o que ele manifesta ser e sentir. Questionei-o sobre o assunto, querendo saber quem era o real Fábio e o que ele procurava através de suas postagens. Esta foi a sua resposta:

“Eu uso muito as minhas redes sociais, mas não me deixo conhecer. A gente usa máscaras. E como ninguém me leva a sério, eu uso escudos. Por isso tantas postagens engraçadas. Eu consigo ver que procuro aprovação dos outros e não é fácil viver procurando aprovação. Acho que eu quero abraços. Com o passar do tempo eu aprendi a ficar feliz por receber elogios on-line.”

5.2 O profissionalismo de Leonardo

As páginas de Leonardo remetem ao seu momento profissional. São 14 postagens, 06 sobre política ou economia, outras sobre Direitos Humanos, Ecologia ou Saúde Pública. 0 postagens cômicas e 0 postagens sobre religião. Temos 05 fotos de teor pessoal (uma com o atual namorado, outras duas com amigos. As outras duas foram no exercício de sua profissão de jornalista).

No Instagram, 3 postagens. Todas no exercício da profissão. É o único dos meninos que postou fotos de rosto durante estes mais de 45 dias. Perguntei sobre o porquê dele falar tão pouco ou postar tão pouco sobre si mesmo, e ele respondeu:

“Me preocupo muito com a minha imagem, por isso fujo de polêmicas... evito postar algo que deixe claro que sou gay, penso na repercussão negativa que isso possa ter, por eu ser uma figura pública.”

5.3 A discrição de Gustavo

Imensamente falante durante nossos encontros, não é a mesma pessoa que encontramos online. Segundo o mesmo, ele não se expõe ao público e é muito mais exposto pelos amigos e familiares, que postam fotos onde ele está e o marcam ou que postam assuntos de interesse comum (conteúdo nerd ou HQ). Dentro das suas 18 postagens, nenhuma é sobre religião e apenas uma é pessoal, onde ele reclama de sentir saudades dos amigos. 11 postagens são memes com objetivo direto e simples de entreter.

Nenhuma postagem no Instagram.

Questionado sobre esta imensa discrição no ambiente digital, ele disse que isso é só em público: suas interações acontecem dentro dos grupos de interesse comum e nestes lugares ele pode se abrir quase completamente. E completou:

“O que me interessa é a aprovação do meu pai. Sempre penso... como ele agiria se soubesse disso ou visse isso? Não me importo com as pessoas fora do meu círculo de amizades.”

5.4 O pessimismo de Natanael

Natanael foi o único dos meninos cujas postagens tiveram, no geral, mais peso negativo que positivo (do total de 31 postagens, apenas 9 puderam ser consideradas positivas).

Seu posicionamento é bastante crítico e político (9) e sempre que aborda temas religiosos (6, no total), é sempre com uma visão negativa do assunto. Sendo o que dentre os meninos mais aborda diferentes temas, ainda abre espaço para o cômico: são 14, no total - mas algumas não podem sequer ser consideradas positivas, por terem eventualmente um tom negro e de sarcasmo.

Durante este período, postou apenas uma única vez uma foto de rosto e isto foi logo depois de conversarmos entre nós em uma de nossas reuniões os motivos do porquê não fazíamos isso. Talvez esta postagem seja reflexo daquela nossa conversa.

Quando eu questionei o teor de suas publicações, ele respondeu:

“Confesso que normalmente sou mais propenso a compartilhar coisas que me incomodam negativamente, talvez eu só esteja tentando expôr parte de algum sentimento ou encontrar alguém que se identifique da mesma forma pra me sentir mais comum”.

E, mesmo que por acidente, o nosso pequeno grupo de whatsapp se tornou um microcosmos

onde as relações entre estes jovens pode ser compreendida. O que era para ser inicialmente apenas um local comum para que nossas reuniões fossem marcadas e eu recebesse as confirmações de forma mais prática em um único ambiente, se tornou espaço de interação real. Conforme os meninos foram se conhecendo e tomando liberdade uns com os outros, perceberam que dividiam as mesmas angústias e o mesmo senso de humor. E eu fui surpreendentemente aceito como um deles.

Neste ambiente eles trocavam memes (imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor), fotos com filtros, leves discussões sobre artistas e preferências sexuais, flertes e comentários ou brincadeiras que eles gostariam de repercutir, que por acaso haviam visto nas redes sociais de qualquer um dos outros participantes.

Em um ambiente como este é onde eles se refugiam. Ambientes de pequenas redes e pequenos grupos, eles não procuram discussões sérias, vitais. A função real que eles procuram da internet não parece ser essa. É um local de fuga, de aceitação, de escape da realidade. Milhares de mensagens foram trocadas entre estes meninos espontaneamente e todas foram sempre, sem uma única exceção, para divertimento ou tentar fazer o outro sorrir.

As redes sociais são para estes locais de grande risco. Escolhendo exporem-se na internet abertamente, mesmo que apenas em suas páginas pessoais, os colocaria em posição de fragilidade. Por isso se escondem nestes pequenos grupos, onde as conversas são privadas, onde não serão julgados nem por sua sexualidade, nem pela sua aparência.

Facebook e Instagram são apenas a cobertura superficial onde habitam aqueles que conseguem aprovação dos demais. E esta aprovação sempre está vinculada com boa aparência e estilo de vida opulento. Abaixo desta camada superficial, habitam e se relacionam, fora dos olhos de todos, a imensa maioria dos jovens homossexuais.

5.5 O Perigo que se Esconde

Convém ressaltar, entretanto, que estas pequenas redes às vezes podem ser perigosas. Exatamente pelo fato de estarem fora da superfície e longe dos olhos dos demais. Posso citar o exemplo do grupo de Facebook chamado LGBT. Depois da sigla seguem-se três emoticons (de um diabinho roxo, de uma face amarela piscando e outra face amarela com corações no local dos olhos). A foto da página era um arco-íris, desenhado à mão. Bem infantil. Fiquei curioso por perceber que era um ambiente onde adolescentes LGBTI interagiam e pedi permissão para entrar no grupo (são mais de 20 mil participantes). Apesar da minha idade adulta, claramente perceptível através das minhas fotos, permitiram que eu me juntasse a eles sem nenhum questionamento. Para minha imensa surpresa, havia muitas outras pessoas de idade avançada. E as interações entre estes meninos e meninas envolviam a troca de fotos seminus e colocavam seus números de telemóvel para que qualquer um

os adicionasse. Crianças de 12, 13 e 14 anos. Muitos adultos observavam em silêncio e nunca saberemos quantos destes mandam a estas crianças mensagens em privado.

Houve uma situação quando um senhor (mais de 30 anos) escreveu perguntando: “Se eu mandasse dinheiro para vocês, quantos me mandariam nudes?”. Eu não deveria porque estava ali apenas para ver a interação, mas acabei interpelando o senhor e questionei, dizendo que isso era errado e que, pela lei brasileira (ele escrevia do Brasil) ele poderia ser preso. Ele respondeu dizendo que era só uma brincadeira.

Esta vez somou-se a uma outra quando novamente eu acabei me envolvendo. Um menino de 14 anos postou fotos seminu e eu disse para ele não fazer isso, que não era lugar para isso. Recebi várias mensagens de ódio vinda de todos os cantos. Acabei denunciando a página ao Facebook e pedindo providências. As pessoas da página me denunciaram ao Facebook por um suposto bullying. Resultado: a página ainda está lá (Facebook me respondeu e disse que a página não fere os princípios da rede) e eu recebi 3 dias de disciplina sem poder usar o Facebook por incomodar e praticar bullying on-line. Tristemente aprendi a lição: não há nada o que fazer, a não ser que tenhas muito tempo e acione o Ministério Público ou o Conselho Tutelar Brasileiro, que é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente.

Para reforçar que isto não é apenas minha impressão, o Centro Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos fez um levantamento junto ao Facebook e ao Instagram acerca das denúncias relativas à pornografia infantil encaminhadas entre os anos de 2019 e 2020 e chegou ao terrível resultado de que o Facebook teria removido apenas 14% das denúncias recebidas e que o Instagram havia removido 16% delas. Ou seja, minha denúncia foi apenas mais uma dentro das mais de 80% das que caem na vala comum do esquecimento digital.

Afora esta preocupante questão referente à pedofilia e o fato do Facebook não tomar atitudes restritivas quanto a isso, pude perceber que o local é mais um local de aceitação, onde estes pequenos podem interagir sem serem criticados. A interação acontece mais fortemente (gerando mais gostos e comentários) quanto mais bonita for a pessoa e quanto mais próximo à nudez total for a foto. Estas pessoas recebem vários elogios e pedidos de troca de número de telemóvel para whatsapp. Os de aparência fora do padrão (de pele negra, traços menos finos, meninas com pouco busto) não recebem bullying ou qualquer outro tipo de reação negativa. São apenas ignorados.

Nestes meses não foram vistas postagens onde o jovem dividia os seus problemas emocionais. Raramente questões relevantes são levantadas, tais como: “sua família aceita a sua sexualidade?”, onde alguns escolhem falar abertamente da realidade na qual vivem, mas estes assuntos não são desenvolvidos.

É espantoso quanta coisa acontece longe dos olhos dos pais, mas o fato é que estes ambien-

tes, perigosos ou não, acabam sendo local onde estes jovens percebem que existem outros iguais, o que pode ser libertador e extravasar pressões.

6. Os Gays e suas Relações Familiares

Após entrevistas, acompanhamento de postagens e reuniões on-line, acabou ficando cada vez mais claro para mim a imensa importância das famílias para a formação da autoestima e da saúde mental de cada um deles. Mas para que neste relatório final não ficasse registrado o que poderia ser uma compreensão distorcida da minha parte, marquei uma oitava reunião on-line com todos, para a qual eu fui prontamente atendido. Eles receberam de antemão um pequeno formulário sobre os assuntos que conversaríamos: família e internet e nossa saúde mental.

Eu perguntei um o que mais pesou para eles quanto eles desenvolveram pensamentos suicidas.

Para o Gustavo, as relações familiares vieram em primeiro, seguindo-se das pressões da sociedade. Ele ressaltou, porém, que a religião teve um peso preponderante no processo.

“Acho que ficou bem marcado para mim a religiosidade. Mesmo minha família não sendo religiosa eu sentia uma culpa enorme perante Deus que eu era errado e pecaminoso, é muito forte isso na nossa cultura.”

Para Fábio, as relações familiares, pressões da sociedade e dificuldades na vida amorosa. Todas estas tiveram peso relevante e ele não conseguiria colocar em ordem de relevância. Segundo Natanael, assim como para Gustavo, foram primeiramente as relações familiares e depois as pressões da sociedade. Leonardo afirmou que as relações familiares aliadas a problemas de saúde mental (estava com depressão) foram os pontos mais relevantes.

Questionados sobre a relevância da internet durante aqueles momentos de imensa angústia, as respostas foram as seguintes:

Segundo Gustavo, o peso da internet foi irrelevante e que se não houvesse a internet, o peso sobre seus ombros teria sido inclusive maior:

“Entendo que para a maioria das pessoas a internet teve um peso relevante no sentido negativo de amplificar e aumentar os motivos e pensamentos suicidas, porém como explicado em reuniões a internet no meu caso, individual, ajudou bastante pois eu finalmente senti pertencer a alguma coisa.”

Para Fábio, o peso da internet teria sido levemente negativo. Ele pensa que se não houvesse Internet, ele teria sofrido menos angústias. Natanel partilhava exatamente da mesma posição, enquanto que para Leonardo, peso da internet também teria sido irrelevante, servindo de espaço de descoberta e escape e que seus momentos de angústia teriam sido piores se não houvesse esta possibilidade de escapar da realidade através do mundo on-line.

7. Conclusão

A questão que foi levantada no início deste projeto foi tentar perceber se havia alguma conexão entre o aumento do número de suicídio entre jovens gays e o uso da Internet, partindo da premissa que a internet teria modificado a forma destes jovens interagirem.

Parafraseando Franz Boas, que disse que o objetivo da pesquisa antropológica estaria baseada no desejo de descobrir a história do desenvolvimento da cultura humana, meu objetivo foi descobrir a história da cultura humana que está a se desenvolver. E a olhos nus, muito rapidamente. E tal qual um Malinowski diminuto, fiz minha pesquisa de campo como observador participante. Tal qual Malinowski, em certos momentos escondi minha irritação e preconceito em relação ao que eu via ou lia. E nesta interação, fui amigo de alguns e quase confidente. Em outros dois momentos, tentei intervir em situações que se me pareciam criminosas. E no mundo micro (através do pequeno grupo social que foi criado espontaneamente entre mim e meus quatro meninos) e a observação geralmente passiva do que acontecia no mundo macro (acompanhamento de como estes adolescentes e jovens se relacionam no submundo dos grupos, escondidos dos olhos de seus responsáveis), pude chegar a algumas conclusões, mesmo que preliminares e necessitadas que são de estudos mais abrangentes e com um campo maior.

A primeira importante conclusão é que as famílias destes jovens brasileiros ainda é o fator central e preponderante para sua saúde mental. Nos quatro casos, a família sempre foi o motivo central gerador de angústia, ansiedade e desespero. As cobranças da sociedade (e aí colocaremos as cobranças para formação de novas famílias, sucesso financeiro e os dogmas da religião) tem um papel importante neste processo, mas o centro ainda é a família. Lembrando-me de uma das afirmações recorrentes de Gustavo, que por algumas vezes afirmou que ‘a Internet é um campo neutro, ela apenas cataliza e intensifica os problemas interiores que você tenha. Se você vier de uma família estruturada, ela não te fará mal algum’. Me parece um ótimo resumo do que temos visto acontecer.

A imensa religiosidade e conservadorismo evangélico brasileiro, que se espalha e se intensifica, está a criar uma geração de gays angustiados. Viver dentro de uma família homofóbica é forçar aos gays que vivam uma vida quase esquizofrênica. Lembro de ter conversado com uma jovem transexual (Pauli), 19 anos, que sofria por ter que agir como homem dentro de casa e por não poder recorrer a nenhum tratamento hormonal, porque seus pais eram cristãos e não aceitariam. Ela tinha apenas duas opções para fugir de tamanha angústia: esperar que os pais morressem ou ter alguma independência financeira para poder sair de casa e iniciar, por conta própria, o tratamento:

“Como moro ainda com meus pais, é ter que viver de aparências. É eu ter que colocar roupas que me fazem eu me sentir muito mal. Não é fácil fingir ser homem. Tudo o que eu quero é poder me tornar uma mulher muito empoderada e independente. Quero acordar deste sonho e ver que sou mulher.”

O caso de Pauli é mais sério, porque ela não tem apenas que lutar para disfarçar sua sexualidade, tem que lutar para fingir uma identidade de gênero. É um caso ainda mais grave do que os dos meninos os quais eu acompanhei. Como psicanalista de formação, sou acostumado a não deixar-me envolver emocionalmente com os pacientes, mas histórias como as de Paoli mostram como é difícil viver tendo que mentir. E neste mundo real de mentiras, o mundo irreal é onde estão as verdades. Nestes grupos privados, Paoli pode interagir com gays, lésbicas e outras transexuais e assim não se sentir tão sózinha, diferente, errada, abominação. A dor da rejeição não some, mas parece diminuir.

Assim como Pauli, durante estes meses me deparei com a história de dezenas de jovens LGBTI+ abertos, ou mesmo ávidos, a compartilharem suas histórias. Mas o escopo de trabalho já havia sido fechado e não me permitiria incluir neste estudo tudo o mais que ouvi e presenciei.

Como bem disse a antropóloga norte-americana Kath Weston em seu livro *Families We Choose* (1997:39), ser gay muitas vezes é compreendido como trair a sua própria família. religião. pátria. O que lhes é dado é a possibilidade da escolha entre casarem com alguém do outro sexo ou aceitarem sermos assexuais. Ser gay é viver em renúncia. É uma ‘menos vida’.

Diferentemente dos norte-americanos, os brasileiros (assim como os demais povos latino-americanos) não veem o cancelamento dos vínculos sanguíneos e a criação de uma família que escolhamos como sendo uma possibilidade viável. A quebra de laços de parentesco é devastador. Perdendo-se a família, perde-se a própria identidade e o sentimento de pertencer. A importância do pertencimento já foi exposto em capítulo anterior, ao citarmos Bert e o seu livro *A Cura* (2014:17), para quem o ‘pertencer’ seria mais importante que o ‘viver’. Na cultura latino-americana não se anulam famílias, não se esquecem famílias. A dor de ferir seus familiares e não estar à altura de suas expectativas é para estes meninos, desesperador.

Alguns conseguem, com o atingir da maturidade, substituir a família biológica por uma família de amigos. Mas são apenas alguns e, em muitos casos, tarde demais.

A segunda importante conclusão deste estudo é que a Internet tem menos importância dentro da saúde central destes jovens do que eu imaginara. Apesar da pesquisa mostrar que 75% dos jovens entrevistados considera que no mundo virtual os jovens tendem a ser mais cruéis do que na vida real, 89,1% consideram que a na Internet dá-se valor demasiado à aparência e que para 67,2% consideram que isto pode gerar problemas emocionais nestes, o que percebemos na prática é que o

jovem que percebe não se encaixar nos padrões e que é por seus pares ignorado, escolhe também se distanciar destas mídias. Isto não quer dizer que este processo não lhes é penoso e que isso não interfira na autoestima de cada um deles, mas é apenas mais um ambiente onde eles são ignorados e com os quais eles tem que conviver diariamente: na escola, no trabalho, nos eventos sociais, entre os amigos... a diferença é que nestes ambientes reais geralmente o jovem não consegue deixar de vivenciar a rejeição, enquanto todos podem escolher ignorar o Instagram, por exemplo (que é a plataforma onde mais se cultiva a aparência e o bem viver) e se refugiar em pequenos grupos. Os jovens continuam tendo seus perfis no Instagram (87,5% deles), mas o utilizam para seguir ídolos. Frases como 'eu não uso o Instagram, mas mantenho o Instagram para parecer normal, afinal todos tem' foram ouvidas.

Há que se ressaltar também a imensa importância que os amigos virtuais (nunca vistos pessoalmente) tiveram no processo de compreensão e aceitação da sexualidade destes adolescentes e jovens. 65,6% dos jovens disseram que amigos virtuais tiveram papel importante neste processo. Exatamente o mesmo percentual de adolescentes e jovens que afirmaram que amigos com os quais eles interagem no mundo off-line tiveram papel relevante neste mesmo processo.

Como resultado final desta pesquisa, a qual ainda possui lacunas a serem preenchidas, posso afirmar que dentro do grupo estudado a família continua sendo, de longe, o principal fator desagregador e deflagrador de crises existenciais, ansiedade e outros problemas mentais que podem levar ao suicídio. Outros fatores, como namorados, religião e bullying em ambiente escolar e trabalho foram coletados, mas apenas como colaterais. Se o jovem gay possui, dentro de sua casa, um ambiente acolhedor, as adversidades externas podem ferir, mas nunca mortalmente.

A Internet se mantém como instrumento de perfil neutro, servindo apenas como amplificador dos ruídos que se ouvem no mundo real. A impunidade que cerca este meio favorece a crueldade, mas os jovens tem a capacidade e a inteligência de se desligar deste ambiente quando ele se torna mais um peso emocional a ser carregado. O fato de conseguirem encontrar espaços de aceitação onde habitam virtualmente outros iguais, pode aliviar frustrações ao permitir que, a partir do espelho do outro, se construa a própria imagem.

O fato da internet ter este poder de conectar pessoas é verificado por qualquer um de nós, quase diariamente. Eu mesmo já recebi pedidos de amizades de gays da Síria, da Arábia Saudita, Paquistão, Índia e de vários outros sítios onde a homossexualidade ainda é ou proibida ou criminalizada. O fato de poderem flertar ou conversar sem medos com outros gays ao redor do mundo e perceber que há mundos diferentes onde reina a liberdade pode ser tanto frustrante quanto libertador. Mas é um fato novo que o ambiente digital traz aos gays de todas as idades - a imensa repercussão e

importância desta nova realidade ainda está para ser mensurada. Fato é que nada é mais como era antes, nada será mais como antes o era. Apenas... a imensa importância das famílias no processo de aceitação da sexualidade entre os gays brasileiros.

Tanta modernidade, tanta novidade... e há coisas que permanecem iguais, imutáveis na alma brasileira. Me permitam terminar sem citar um grande erudito, antropólogo ou sociólogo, mas citando um trecho de uma canção muito popular no Brasil, que é cantada com a força dos pulmões e com tristeza nos olhos, escrita por Belchior e cantada por Elis Regina:

“Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram
E o sinal está fechado prá nós
Que somos jovens
....

Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais”

8. Hipótese

Após selecionarmos cinco jovens dentro do nosso público alvo e acompanhamento de suas publicações e como interagem virtualmente, somando a isto conversas individuais e em grupo, será possível mensurar, dentro deste pequeno grupo, a influência positiva ou negativa da Internet no fenômeno do suicídio entre jovens gays.

9. Objetivos

9.1 Objetivo Geral

- Acompanhar um grupo de jovens gays (idades variando entre 18 e 24 anos) para perceber qual a real influência da Internet no fenômeno do suicídio entre jovens gays.

9.2 Objetivos Específicos

- Perceber como estes jovens se relacionam nas plataformas digitais, e se esta se transforma como ambiente gerador de ansiedade e aumento da baixa autoestima ou se funciona como ambiente de aceitação, através da possibilidade de encontrar outros que passam pela mesma realidade que vivem.
- Fornecer dados para futuras pesquisas sobre o tema abordado.
- Divulgar os resultados da pesquisa entre ONGs e Congressos / Seminários.

10. Metodologia

Este trabalho foi dividido em três etapas. A primeira etapa envolveu a aplicação de um formulário com 40 questões unicamente para pessoas do sexo masculino que mantinham relações físicas ou afetivas com pessoas do mesmo sexo, idades variando entre 14 e 25 anos, residentes no Brasil ou em Portugal. 64 pessoas preencheram o formulário, 46 do Brasil e 18 de Portugal.

A seguir, foram selecionadas 11 pessoas, com idades acima dos 18 anos, que já teriam ou passado pela experiência de tentar o suicídio ou cogitado seriamente fazê-lo. Destas, 05 pessoas se mostraram dispostas a contar um pouco mais de sua história.

A etapa seguinte foi iniciar conversas através de videochamadas (plataforma Zoom) para que nos conhecessemos melhor e passássemos a conversar sobre temas relevantes para a pesquisa: relação com a internet, compreensão e relação com a ideia da morte, família, religião, mundo digital. Foram realizadas 11 entrevistas, sendo 4 individuais e 7 em grupo.

A terceira etapa durou 55 dias e foi focada na minha observação diária de como cada um dos jovens acompanhados se relacionavam através de suas redes sociais (Facebook e Instagram). 182 postagens foram analisadas e catalogadas.

A segunda e a terceira etapas foram realizadas concomitantemente, o que me permitia questionar em um de nossos encontros virtuais a razão de ser de qualquer postagem cujo objetivo pudesse me levantar dúvidas.

11.Critérios

11.1 Inclusão

- Indivíduos do sexo masculino, idades variando entre 14 e 25 anos, que mantinham ou desejavam manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo.
- Estejam aptos a contribuir para a pesquisa.
- A pessoa poderia preencher o formulário anonimamente ou adicionar nele seu e-mail, caso permitisse contato posterior.

11.2 Exclusão

- Indivíduos do sexo feminino ou do sexo masculino que não tivesse desejo por pessoas do mesmo sexo
- Para a segunda etapa do trabalho, foram excluídos todos os gays com idades abaixo de 18 anos.

12. Riscos

- Passar a impressão para os jovens selecionados para a segunda etapa do trabalho que as reuniões virtuais teriam alguma função terapêutica
- Por ser um assunto delicado, o risco de que a discussão sobre o tema possa servir de gatilho mental para ressurgimento de emoções indesejadas surjam
- Imaginar-se que um estudo realizado em um trabalho de campo digital com uma abrangência limitada (04 pessoas acompanhadas) possa trazer novos paradigmas quando, no máximo, trará indicadores.

13. Benefícios

Esta pesquisa trará a compreensão de como um pequeno grupo de jovens gays lida com a pulsão da morte (tânato) - sua origem ou gatilho, perceber o papel da internet neste processo, como estes jovens se relacionam virtualmente e como percebem as redes sociais e como que com elas (e através delas) se relacionam.

14. Cronograma

FASES	MESES											
	2019 e 2020											
	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	X								
Desenvolvimento do Projeto				X	X							
Trabalho de Campo					X	X	X	X				
Análise dos Dados Coletados								X	X			
Rascunho do Trabalho									X	X	X	X
Entrega do Trabalho												X

15. Referências

ABRAM, David, 2007. *A Magia do Sensível. Percepção e Linguagem num mundo mais do que humano*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

AMERICAN ANTHROPOLOGICAL ASSOCIATION EXECUTIVE BOARD, 1947. *Statement on Human Rights* (submitted to the United Nations Commission on Human Rights), 1:539-543.

Antropolítica, 2020, *Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia*. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica>>

ARMSTRONG, Karen, 1994. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo, Companhia das Letras.

Association of Psychological Science, 2018. *Does Using Facebook Make People Lonelier?* Disponível em: <<https://www.psychologicalscience.org/publications/observer/obsonline/lonely-people-use-facebook-more-does-more-facebook-make-you-lonelier.html>>

BAUMAN, Zygmunt, 2000. *Liquid Modernity*, Cambridge, Polity Press.

BBC News - Brasil, 2018. *Como o desequilíbrio no cérebro adolescente ajuda a explicar suicídio entre jovens*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44011774>>

BENEDICT, Ruth, 1932. *Configurações de Cultura na América do Norte*. Em Castro, Celso (org.) *Cultura e Personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

BOAS, Franz, 2004. *As limitações do método comparativo em Antropologia*. In: Boas, Franz. *Antropologia Cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BORRILLO, Daniel, 2010. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

BOZON, M., 2004. *Sociologia da sexualidade*, Rio de Janeiro, FGV.

BREUNING, Loretta G., 2015. *Habits of a Happy Brain*. New York, Simon & Schuster.

BRITO, Álvaro de A. *Sucintas abstrações sobre a cidadania, à luz de Aristóteles, Hobbes, Weber e Marshall*. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/21042/sucintas-abstracoes-sobre-a-cidadania-a-luz-de-aristoteles-hobbes-weber-e-marshall>>.

BULMER,, Martin, e Anthony M Rees, 1996. *Citizenship Today* . Londres, UCL Press.

CARVALHO, Cristiana P. e Maria do R. Pinheiro. *Atitudes e crenças dos estudantes portugueses sobre a homossexualidade: implicações para a cidadania e pedagogia universitárias*. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/31786/17592>>

CHRISTANTE, Luciana, 2010. *Com/Sem saída*. Disponível em: <<https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>>

Columbia Mailman School of Public Health, 2011. *Study Links Social Environment to High*

Attempted Suicide Rates Among Gay Youth. Disponível em <<https://www.publichealth.columbia.edu/public-health-now/news/study-links-social-environment-high-attempted-suicide-rates-among-gay-youth>>

Comissão para a cidadania e igualdade de género, 2010. *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Disponível em: <http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF2/0892_ESTUDO_ORIENTACAO-SEXUAL_IDENTID.pdf>

CURY, Augusto, 2014. *Ansiedade: como enfrentar o mal do século: a Síndrome do pensamento Acelerado: como e porque a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos*. São Paulo, Saraiva.

DAWKINS, Richard, 1989. *The Selfish Gene*. 2nd ed. Reino Unido, Oxford University Press.

Diário de Notícias, 2010, *É na religião que os homossexuais se sentem mais discriminados*. Disponível em <<http://www.dn.pt/portugal/interior/e-na-religiao-que-os-homossexuais-sesentem-mais-discriminados-1571679.html>>

Diário de Notícias, 2018. *Vício da Internet já atinge 25% dos jovens*. Disponível em: <<https://www.dn.pt/sociedade/interior/vicio-da-internet-ja-atinge-25-dos-jovens-5783779.html>>

DURKHEIM, Emile, 1989 (1912). *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Paulinas.

DURKHEIM, Emile, 2019 (1897). *O Suicídio – Estudo Sociológico*. 10 ed. Lisboa, Editorial Presença.

Eclesia Renascença, 2018. *Papa aborda a natureza das relações na Internet em mensagem sobre Comunicações Sociais*. Disponível em: <<https://rr.sapo.pt/noticia/126109/papa-aborda-a-natureza-das-relacoes-na-internet-em-mensagem-sobre-comunicacoes-sociais>>

ESCOBAR, Arturo. 2018. *Designs for the Pluriverse. Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*, Durham and London, Duke University Press.

EVANS, David, 1993. *Sexual Citizenship*. Londres, Routledge.

FLORENSKY, Pavel, 2004. *The Pillar and Ground of the Truth: An Essay in Orthodox Theodicy in Twelve Letters*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press.

FREUD, Sigmund, 2016 (1905). *Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade*. São Paulo, Companhia das Letras.

FREUD, Sigmund, 1988 (1927-1931). *O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro, Imago.

FREUD, Sigmund, 2006 (1927-1931) *Totem e tabu*. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud – vol. XIII*. Rio de Janeiro, Imago.

Galileu, Revista, *Jovens homossexuais têm mais tendência ao suicídio*. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT226806-17770,00.html>>

GEHER, Glenn, 2017. *Com internet, cada vez mais jovens sofrem de depressão e ansiedade*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/08/1907983-com-internet-cada-vez-mais-jovens-sofrem-de-depressao-e-ansiedade.shtml>>

GIDDENS, Anthony, 1992. *The Transformation of Intimacy*. Oxford, Polity Press.

Grupo Gay da Bahia, 2018. *População LGBT morta no Brasil - relatório 2018*. Disponível em <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contralgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>>

HARARI, Yuval Noah, 2016. *Homo Deus, uma breve história do amanhã*. São Paulo, Companhia das Letras.

HARARI, Yuval Noah, 2015. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. São Paulo, L&PM Editores.

Ilga - Europa, 2014. *Relatório Saúde em Igualdade - pelo acesso a cuidados de saúde adequados e competentes para pessoas lésbicas, gays, bissexuais e trans*. Disponível em: <https://ilga-europe.org/sites/default/files/Attachments/portugal_0.pdf>

INGOLD, Tim, 2015. *Who studies humanity?: The scope of Anthropology*, Anthropology Today, Vol. 1, nº6.

JN Nacional, 2015. *Uso Problemático da Internet associado a ansiedade e depressão*. Disponível em: <<https://www.jn.pt/nacional/saude/uso-problematico-da-internet-associado-a-ansiedade-e-depressao-4523571.html>>

Journal of Adolescent Health, 2014. *“Sexing” and Its Relation to Sexual Activity and Sexual Risk Behavior in a National Survey of Adolescents*. Disponível em: <[https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(14\)00307-3/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(14)00307-3/fulltext)>

KEMP, Simon, 2018. *Digital Around the World 2018 - Report*. Disponível em: <<https://wearesocial.com/uk/blog/2018/01/global-digital-report-2018>>

KINSEY, Alfred, W.B. Pomeroy e C.E. Martin, 1948. *Sexual Behavior in the human male*. Philadelphia, W.B. Saunders.

- A.C. Kinsey, W.B. Pomeroy, C.E. Martin, *Sexual Behavior in the Human Male*, (Philadelphia, PA: W.B. Saunders, 1948)

LAGO, Andrea. *Homossexualidade ou como ser um “cidadão de segunda”*. Disponível em: <<https://dezanove.pt/homossexualidade-ou-como-ser-um-cidadao-847877>>

MACHADO, Maria das Dores C. e Fernanda D Piccolo, 2010. *Religiões e homossexualidade*. Rio de Janeiro, FGV.

MACHADO, Monica, 2018. *A teoria da Antropologia Digital para as Humanidades Digitais*. Disponível em: <https://www.academia.edu/35874047/A_TEORIA_DA_ANTROPOLOGIA_DIGITAL_PARA_AS_HUMANIDADES_DIGITAIS>

- MALINOWSKI, B., 1978 (1922) . *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural.
- MALINOWSKI, B., 1988 (1948). *Magia, ciência e religião*. Lisboa, Edições 70.
- MARQUES, Ana Cristina. *Solidão na era digital: nunca estivemos tão conectados e tão sós*. Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/solidao-na-era-digital-nunca-estivemos-tao-conectados-e-tao-sos/>>
- MARTINS, Humberto, 2013. *Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo*. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/etnografica/3168>>
- MAUSS, M., 1974. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In : *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo, Edusp.
- MILLER, Daniel, 2013. *Tales from Facebook*. Cambridge, Cambridge Press.
- MONTEIRO, Liliana L., 2018. O Instagram é a pior rede social para a sua saúde mental. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com/lifestyle/1003561/o-instagram-e-a-pior-rede-social-para-a-sua-saude-mental>>
- MORGAN, Lewis Henry, 1980. *A Sociedade Primitiva I*, 3rd Ed. Lisboa, Editorial Presença/Martins Fontes.
- MORGAN, Lewis Henry, 1974. *A Sociedade Primitiva II*. Lisboa, Editorial Presença/Martins Fontes.
- MOURA, Catarina, 2018, *Faz falta uma lei a proibir os tratamentos da homossexualidade?* Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/07/09/culto/noticia/reino-unido-proibe-terapias-de-reorientacao-sexual-1837145>>
- MOSSE, George L., 1985. *Nationalism and Sexuality*. New York, Editora Howard Fertig.
- NAPHY, William, 2006. *Born to be gay*. Lisboa, Edições 70.
- NETO, Ivo, 2018. *Mais pornografia, menos sexo. Assim é a vida dos millennials*. Disponível em: <<https://www.jn.pt/mundo/mais-pornografia-menos-sexo-assim-e-a-vida-dos-millennials-10080649.html>>
- NOWLAND, R., Necka, E.A. e Cacioppo, J.T., 2017. *Loneliness and social internet use: Pathways to reconnection in a digital world? Perspectives on Psychological Science*. Journal of the Association for Psychological Science.
- PATTO, Pedro V., 2020. *O suicídio da liberdade*. Disponível em: <<https://observador.pt/opiniaio/o-suicidio-da-liberdade>>
- PIMLOTT, Nicholas, 2018. *The ministry of loneliness*. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5851382/>>

PINTO, Nuno, 2018. *Vivemos num país em que o grau de armário ainda é imenso*. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com/pais/1184570/vivemos-num-pais-em-que-o-grau-de-armario-ainda-e-imenso>>

Psifocus, 2019, *A dor de "não pertencer"*. Disponível em: <<https://psifocus.blogspot.com/2019/02/a-dor-de-nao-pertencer.html>>

PLUMMER, Ken, 2003. *Inventing Intimate Citizenship*. Washington, University of Washington Press.

Psychcentral, 2018. *Proximity to Green Spaces Boosts Health*. Disponível em: <<https://psychcentral.com/lib/proximity-to-green-spaces-boosts-health/>>

RACHELS, James e Stuart Rachels, 2013. *Os Elementos da Filosofia Moral*. 7.ed. Porto Alegre, AMGH.

RO, Christine, 2019. *Dunbar's number: Why we can only maintain 150 relationships*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/future/article/20191001-dunbars-number-why-we-can-only-maintain-150-relationships>>

ROBBINS, Paul R., 1998. *Adolescent Suicide*. Jefferson – North Carolina, McFarland & Company.

RODRIGUES, JC., 2016. *Brincando de deus - Criação mundos virtuais e experiências de imersão digitais*. Rio de Janeiro, Marsupial Editora.

ROY, A., 1990. *Relationship between depression and suicidal behavior in schizophrenia*. In: *Depression in schizophrenia*. Washington (DC), American Psychiatric Press.

Royal Society for Public Health, 2017. *Instagram Ranked Worst for Young People's Mental Health*. Disponível em: <<https://www.rsph.org.uk/about-us/news/instagram-ranked-worst-for-young-peoples-mental-health.html>>

SATURNINO, Leticia, 2015, *Antes dos snaps: uma breve história dos nudes na internet*. Disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2015/10/15/antes-dos-snaps-uma-breve-historia-dos-nudes-na-internet/>>

SCHMIDT, Eric e Jared Cohen, 2013. *A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios*. Rio de Janeiro, Intrínseca.

SANTOS, Daniela Vilar. *Portugal é dos países que mais protege os homossexuais*. Disponível em <<https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/portugal-e-dos-paises-que-mais-protege-os-homossexuais>>

SILVA, Ana Cristina Kamburova, 2015. *Identidade em pixels: a fotografia e a apresentação do eu no Instagram* - Dissertação de mestrado . Lisboa, ISCTE-IUL.

SILVA, A.N.N., 2007. *Homossexualismo e discriminação: o preconceito sexual internalizado*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PUC.

SOUZA, Carlos A. de, 2018. *Como a Internet está reinventando a solidão*. Disponível em: <<https://tecfrent.blogosfera.uol.com.br/2018/08/29/como-a-internet-esta-reinventando-a-solidao/>>

STONE, M.H., 1990. *The Fate of Borderline Patients*. New York, Guilford.

Suicide Resorce Prevention Center, 2008. *Suicide Risk and Prevention for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth Report*. Disponível em: <https://www.sprc.org/sites/default/files/migrate/library/SPRC_LGBT_Youth.pdf>

SuperInteressante. *Gay também é cidadão*, 2001. Disponível em <<https://super.abril.com.br/comportamento/gay-tambem-e-cidadao/>>

The Guardian, 2015. *The Future of Loneliness*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2015/apr/01/future-of-loneliness-internet-isolation>

TOREN, Christina, 2012. *Anthropology as the Whole Science of What it is to Be Human*. Londres, R. Fox & B. King.

TWENGE, Jean M., 2018. *Why Today's Super-Connected Kids Are Growing Up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy--and Completely Unprepared for Adulthood--and What That Means for the Rest of Us*. New York, Atria Paperback.

Unicamp - Universidade de Campinas, 2018. *Suicídio entre adolescentes avança, e casos recentes mobilizam escolas*. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2018/04/25/suicidio-entre-adolescentes-avanca-e-casos-recentes-mobilizam-escolas>>

University of Washington, 2010. *Green cities: good health*. Disponível em <https://depts.washington.edu/hhwb/Thm_Mental.html>

Veja, Revista, 2018. *A tragédia do suicídio entre jovens: taxas nunca foram tão altas*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/a-tragedia-do-suicidio-entre-jovens-taxas-nunca-foram- tao-altas/>>

WARD, Peter, 2001. *Future Evolution*. New York, W. H. Freeman.

WESTON, K., 1991. *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship*. New York. Columbia University Press.

YBARRA, Michele, 2015. *How Many Teens Are Actually Sexting?* Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/connected/201501/how-many-teens-are-actually-sexting>>

16. Anexo A

Estudo Antropológico - Mestrado

Para jovens homossexuais entre 14 e 25 anos

*Obrigatório

1. Idade *

De 14 a 17 anos

De 18 a 22 anos

De 23 a 25 anos

2. Nacionalidade *

Brasileiro

Português

Angolano

Cabo-verdiano

Outra nacionalidade

3. Se fores português, em qual província nasceste?

Entre Douro-e-Minho

Trás-os-Montes

Beira

Estremadura

Alentejo

Algarve

Açores

Madeira

4. Se fores brasileiro, em qual estado nasceste?

Acre

Alagoas

Amapá

Amazonas

Bahia

Ceará

Distrito Federal

Espírito Santo

Goiás
Maranhão
Mato Grosso
Mato Grosso do Sul
Minas Gerais
Pará
Paraíba
Paraná
Pernambuco
Piauí
Rio de Janeiro
Rio Grande do Norte
Rio Grande do Sul
Rondônia
Roraima
Santa Catarina
São Paulo
Sergipe
Tocantis

5. De acordo com o meu gênero, eu me identifico como sendo: *

Masculino
Homem transexual
Travesti
Bigênero
Gender Fluid
Agênero
Queer
Outro

6. De acordo com a minha orientação sexual, eu me percebo como sendo: *

Homossexual
Bissexual
Outro

7. Quando eu estava no processo de compreensão e aceitação da minha sexualidade, estas pessoas tiveram papel importante no processo (mais de uma resposta é possível): *

Marque todas que se aplicam.

Pais ou outros familiares
Profissionais da área da saúde mental
Amigos com os quais eu interagia pessoalmente
Amigos virtuais

8. Minha primeira relação sexual com alguém do mesmo sexo foi com: *

Namorado
Amigo
Desconhecido que encontrei em local público
Desconhecido que encontrei na internet
Ainda não tive relações sexuais

9. Eu considero que a internet teve, no meu processo de compreensão e aceitação da sexualidade: *

Nenhuma influência
Alguma influência
Muita influência

10. Na lista abaixo, eu já tive que lidar com os seguintes problemas:

Marque todas que se aplicam.

Ansiedade
Depressão
Baixa auto-estima
Esquizofrenia
Bipolaridade
Síndrome do Pânico
Bulimia / Anorexia
Outros problemas relativos à minha saúde mental

11. Neste momento, eu estou a lidar com os seguintes problemas:

Marque todas que se aplicam.

Ansiedade
Depressão
Baixa auto-estima
Esquizofrenia
Bipolaridade
Síndrome do Pânico

Bulimia / Anorexia

Outros problemas relativos à minha saúde mental

12. Caso eu tenha passado por alguns destes problemas, para tratá-los:

Marque todas que se aplicam.

Precisei tomar medicamentos controlados, mas já parei

Ainda faço uso de medicação controlada

Resolvi com acompanhamento profissional / terapia

Ainda faço terapia / tenho acompanhamento profissional

Resolvi sozinho

Outro

13. Sobre o suicídio: *

Eu conheço ao menos um jovem homossexual que tenha cometido o suicídio

Eu não conheço nenhum jovem homossexual que tenha cometido o suicídio

Infelizmente conheci vários

14. No caso de eu ter conhecido uma pessoa que cometeu o suicídio, a minha relação com ele, era:

Amigo

Namorado

Ex-namorado

Parente

Outro

15. O suicídio: *

Nunca fez parte dos meus pensamentos

Já pensei na possibilidade

É um pensamento recorrente

16. Eu me pergunto se vale a pena continuar vivendo *

Sempre

Às vezes

Nunca

17. As principais fontes da minha angústia, são: *

Marque todas que se aplicam.

Pressão familiar

Pressão financeira
Obrigação de ser bem-sucedido
Conflitos espirituais
Não me sentir amado, importante, relevante
Dificuldades no namoro, em relacionamentos
Outro
Não sofro destas angústias

18. Para mim, a morte é: *

Marque todas que se aplicam.

Assustadora
Fascinante
Irrelevante (por enquanto)
Um assunto que eu sempre evito pensar

19. "Às vezes a morte é preferível ao sofrimento" *

Concordo totalmente
Concordo parcialmente
Discordo parcialmente
Discordo totalmente

20. Espaço para comentar a questão anterior:

21. "Abreviar a vida é um direito de todos" *

Concordo totalmente
Concordo parcialmente
Discordo parcialmente
Discordo totalmente

22. Com relação ao pós-morte: *

Eu acredito em vida após a morte
Eu não acredito em vida após a morte
Não penso no assunto

23. Se houver vida após a morte, um suicida certamente será:

Punido pela ação que tomou
Consolado, já sofreu demais
O suicídio não será levado em consideração

24. Espaço para comentar a questão anterior:

25. Com relação a religião, eu me defino como sendo: *

Católico
Evangélico
Ortodoxo
Muçulmano
Ateu / agnóstico
Umbandista / Candomblé
Outras religiões de origem oriental
Outras religiões de origem africana
Outra

26. Eu não consigo me desligar da internet *

Marcar apenas uma oval.

Concordo totalmente
Concordo parcialmente
Discordo parcialmente
Discordo totalmente

27. A geração dos meus pais, que não tinha a internet, era: *

Mais feliz
Mais infeliz
Indiferente

28. Dos aplicativos abaixo, os que eu tenho perfil ativo, são: *

Marque todas que se aplicam.

Facebook
Instagram
Snapchat
Twitter

Tinder

De engate/relacionamento exclusivo para gays

Não tenho perfil ativo em redes sociais

29. “Para um jovem homossexual, as redes sociais servem como um local de acolhimento” *
- Concordo totalmente
 - Concordo parcialmente
 - Discordo parcialmente
 - Discordo totalmente
30. “Para um jovem homossexual, as redes sociais podem ser uma fonte de frustração, ansiedade e stress, podendo causar ou aumentar seus problemas emocionais” *
- Concordo totalmente
 - Concordo parcialmente
 - Discordo parcialmente
 - Discordo totalmente
31. “Os jovens homossexuais, ao usar as redes sociais, aprendem a ser tolerantes e a não julgar ou diminuir o próximo ou a si mesmos devido a sua cor, condição social ou aspecto físico” *
- Concordo totalmente
 - Concordo parcialmente
 - Discordo parcialmente
 - Discordo totalmente
32. “Nas redes sociais, os jovens homossexuais dão exagerado valor à aparência. Existe um exibicionismo explícito” *
- Concordo totalmente
 - Concordo parcialmente
 - Discordo parcialmente
 - Discordo totalmente
33. Eu diria que a popularidade de um jovem como eu na internet, está diretamente ligada a: *
- Marque todas que se aplicam.*
- Sua aparência física
 - Seu bom humor
 - Sua militância política
 - Outro
34. A cobrança por encaixar-se em determinados padrões dentro das redes sociais pode: *

Marque todas que se aplicam.

- Gerar conflitos emocionais entre os jovens mais fracos
- Gerar conflitos emocionais entre a maioria dos jovens
- Incentivar estes jovens a que se esforcem para que sejam melhor aceitos
- A cobrança não chega a ser suficiente para afetar emocionalmente os jovens

35. Nas redes sociais, as pessoas tendem a ser: *

- Mais cruéis do que na vida real
- Mais receptivas na vida real
- O mundo virtual apenas retrata o que eles são no mundo real

36. Eu mesmo (mais de uma resposta é possível): *

Marque todas que se aplicam.

- Já sofri humilhações em minhas redes sociais por causa da minha aparência
- Já sofri humilhações em minhas redes sociais por causa da minha sexualidade
- Nunca sofri humilhações on-line

37. Eu diria que os jovens homossexuais, através dos seus aplicativos, sofrem mais com: *

Marque todas que se aplicam.

- a intolerância da extrema direita a intolerância religiosa
- os padrões comportamentais ou estéticos ditados por outros jovens homossexuais
- Outros

38. Os jovens homossexuais são intolerantes para com (mais de uma opção possível): *

Marque todas que se aplicam.

- Os negros
- Os gordos e fora de forma
- Os soropositivos (HIV+)
- Os afeminados
- Os religiosos
- Os que são liberais / da direita
- Os estrangeiros / diferente etnia
- As mulheres
- Os mais velhos
- Não vejo os homossexuais como intolerantes
- Outros

39. Por favor, comente a sua resposta à questão anterior:

40. Eu mesmo já sofri preconceito de outros homossexuais em minhas redes sociais, pela seguinte razão:

Marque todas que se aplicam.

Por causa da cor da minha pele

Por estar fora de forma

Pela minha situação financeira

Por não ser bonito padrão

Por ser HIV+

Pela minha religião

Pela minha nacionalidade / etnia

Nunca sofri preconceito por parte de outros homossexuais

Outros

41. Por favor, comente sua resposta acima:

42. A um jovem que esteja sofrendo com graves problemas emocionais, eu recomendaria: *

Que se afaste do mundo virtual e tente interagir mais com pessoas reais

Que faça novos perfis em outras redes sociais e tente encontrar pessoas bacanas para interagir

Meus conselhos não envolveriam as redes sociais, porque não acredito que sejam relevantes

43. Ficar sem internet me deixa: *

Marque todas que se aplicam.

Ansioso

Irritado

Indiferente

44. "A Internet afastou as pessoas umas das outras": *

Concordo totalmente

Concordo parcialmente

Discordo parcialmente

Discordo totalmente

45. “Eu me considero tão interessante e atraente quanto os meus amigos virtuais”:

Concordo totalmente

Concordo parcialmente

Discordo parcialmente

Discordo totalmente

46. Nas minhas redes sociais, eu sinto que as pessoas: *

Marque todas que se aplicam.

São em geral mais interessantes do que eu

São em geral mais atraentes do que eu

Tem em geral uma vida melhor do que a minha

Não estou abaixo dos meus amigos virtuais nas questões acima

47. As minhas redes sociais servem, para mim, como:

Lugar de fuga

Lugar de aceitação

Distração

48. Nas minhas redes sociais, eu posso dizer que eu: *

Sou exatamente a pessoa que sou fora dela

Exagero as coisas positivas e diminuo as negativas

Talvez eu tenha escolhido viver uma personagem

49. Sobre a saúde mental das pessoas, eu acredito que as redes sociais exercem um papel: *

mais positivo que negativo

mais negativo que positivo

neutro

50. Espaço para considerações ou comentários que tenha sobre este questionário:

51. Caso aceite ser contactado para completar nossa pesquisa, por favor deixe seu email ou número de telefone (para whatsapp):
